

Light for the World
GUIAS PRÁTICOS

Como Criar um Ecossistema de Dados Inclusivos em Situações de Emergência

Um guia para os actores humanitários sobre como beneficiar as pessoas com deficiência e os idosos: Conselhos práticos do projeto Data That Matters e da ferramenta Survey for Inclusive Rapid Assessment (SIRA)



Sumário Executivo

Este guia prático da Light for the World foi criado no âmbito do projeto Data That Matters. Serve como um **guia completo para os actores humanitários** construírem um ecossistema de dados inclusivo para melhorar o acesso das pessoas com deficiência e dos idosos aos serviços humanitários. Apresenta a ferramenta Survey for Inclusive Rapid Assessment (SIRA), concebida para identificar as barreiras e os facilitadores que estes grupos encontram quando procuram assistência humanitária. O guia salienta a forma como as **práticas de dados inclusivos podem promover a equidade na programação humanitária**.

O documento começa por abordar o problema fundamental dos dados: **as pessoas com deficiência e os idosos permanecem frequentemente invisíveis em contextos humanitários devido a práticas insuficientes de recolha de dados**. Desafios como o estigma, metodologias inconsistentes e ferramentas inacessíveis contribuem para esta questão, dificultando, em última análise, os esforços de resposta inclusiva. Em resposta, o guia delineia **um quadro para a criação de um ecossistema de dados inclusivo**, enfatizando a identificação e o mapeamento inclusivos, práticas equitativas de recolha de dados e partilha e análise robustas de dados. Estas componentes são apoiadas por estratégias baseadas na conceção centrada no ser humano, em práticas de dados éticas e na aplicação das Perguntas do Grupo de Washington sobre Deficiência e do Módulo de Funcionamento da Criança para garantir uma identificação abrangente da deficiência.

A ferramenta SIRA é a peça central deste guia. A primeira do seu género, foi concebida para ser simples, flexível e rápida. A SIRA utiliza métodos quantitativos e qualitativos para **identificar as barreiras e os factores que facilitam o acesso à assistência humanitária**. A sua estrutura adaptável permite a sua aplicação em diversos contextos humanitários, assegurando que pode gerar conhecimentos acionáveis adaptados às necessidades locais. O desenvolvimento da ferramenta envolveu testes extensivos no terreno e a colaboração de organizações como OPDs, ONGs, bem como das comunidades afectadas, garantindo a sua relevância e inclusão. A ferramenta SIRA segue os **princípios de dados abertos e de código aberto**, disponibilizando gratuitamente em linha a ferramenta de recolha de dados digitais e o código utilizado para a análise de dados. Os conjuntos de dados gerados pelos testes no terreno estão disponíveis em formatos e plataformas abertos.

Para além das suas aplicações práticas, o guia explora as implicações mais amplas dos **dados inclusivos para a advocacia** e a programação humanitária. Destaca a forma como os dados desagregados podem informar os esforços de sensibilização dirigidos a governos, doadores e organizações internacionais, permitindo-lhes **abordar as barreiras sistémicas e melhorar a inclusão nas suas políticas e práticas**. Além disso, demonstra como estes dados podem ser utilizados para conceber intervenções específicas e programas gerais inclusivos que eliminem as barreiras para as populações marginalizadas, beneficiando simultaneamente todos os indivíduos afectados.

Sumário Executivo

As considerações éticas são fundamentais para este quadro. O guia sublinha a **importância de práticas de recolha de dados não extractivas** que ofereçam benefícios tangíveis aos inquiridos, tais como o encaminhamento para serviços essenciais. Também defende o desenvolvimento de capacidades entre as pessoas com deficiência e as pessoas idosas, capacitando-as para assumirem papéis activos na recolha de dados e nos processos de análise. Em última análise, este guia fornece um roteiro para os agentes humanitários que procuram conceber e implementar intervenções inclusivas para pessoas com deficiência e pessoas idosas. Ao promover a utilização de dados inclusivos, pretende-se **transformar o cenário da resposta humanitária** num cenário que dê prioridade à acessibilidade, à equidade e à participação significativa de todos os indivíduos.



Índice

Sumário executivo	2
Índice	4
Lista de Abreviaturas	5
1. Introdução	6
Como Utilizar este Guia	7
Contexto	8
O Problema de Dados	9
O Que Define um Ecossistema de Dados Inclusivos	11
2. Criando Ecossistemas de Dados Inclusivos para a Ação Humanitária	12
Promovendo um Ecossistema de Dados Inclusivos	13
Identificação e Mapeamento Inclusivos	14
Práticas de Inclusão de Pessoas com Deficiência e Idosos na Recolha de Dados	20
Partilha e Análise de Dados	27
3. SIRA: Ferramenta de Avaliação Rápida e Inclusiva dos Obstáculos e Factores que Facilitam o Acesso à Assistência Humanitária	34
A Ferramenta SIRA (Inquérito Para uma Avaliação Rápida Inclusiva)	35
Adaptando as Perguntas do Grupo de Washington (WGQ)	36
Obstáculos e Capacitadores	37
Dados Qualitativos e Quantitativos	39
Abordagem de Design Centrado no ser Humano (HCD)	40
Como Utilizar a Ferramenta SIRA	41
Formação de Inquiridores	42
Análise de Dados	45
4. Dados Para Fins de Sensibilização, Programação Humanitária e Referências	47
Dados Para a Advocacia	48
Dados para Advocacia - Governo Nacional do País Afetado Pela Crise	49
Dados Para a Advocacia Junto das Agências das Nações Unidas, das ONGI e das ONGN	51
Dados Para a Advocacia Para os Doadores - Incluindo os Governos	53
Dados Para uma Programação Humanitária Inclusiva	55
Dados Para Referências	57
Referências e Notas	59
Quer Saber Mais?	61

Lista de Abreviaturas

FAMOD	Federação Moçambicana das Associações de Pessoas com Deficiência
HCD	Design Centrado no Ser Humano (Human-Centred Design)
HDX	Intercâmbio de dados humanitários (Humanitarian Data Exchange)
IASC	Comitê Permanente Interagências (Inter-Agency Standing Committee)
IDP	Pessoa deslocada internamente (Internally Displaced Person)
ONGI	Organização Não Governamental Internacional
ONGN	Organização Não-Governamental Nacional
OPD	Organização das Pessoas com Deficiência
OPA	Associação de Pessoas Idosas (Older Persons Association)
SIRA	Ferramenta Para uma Avaliação Rápida Inclusiva (Survey for Inclusive Rapid Assessment)
ONU	Organização das Nações Unidas
CDPD	Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência
ACNUR	Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UN-OCHA	Gabinete das Nações Unidas para a Coordenação dos Assuntos Humanitários
WASH	Água, saneamento e higiene (Safe drinking water, sanitation and hygiene)
WGQ	Perguntas do Grupo de Washington (Washington Group Questions)
WG-SS	Perguntas do Grupo de Washington - Conjunto curto (Washington Group Short Set)
WG-ES	Perguntas do Grupo Washington - Conjunto alargado (Washington Group Extended Set)



1

Introdução

Como Utilizar este Guia

Este Guia Prático partilha aprendizagens e fornece orientações passo a passo sobre a construção de um ecossistema de dados inclusivo que pode apoiar os actores humanitários a chegar melhor às pessoas com deficiência e aos idosos. Quatro capítulos guiam o leitor pelos principais tópicos dos dados inclusivos sobre deficiência e idosos para a ação humanitária:

- **O Capítulo 1 descreve o problema dos dados.**

Por que razão não são conhecidas as necessidades das pessoas com deficiência e dos idosos em situações de emergência? Quais são os principais aspectos do problema dos dados? Que papel podem desempenhar os diferentes actores?

- **O Capítulo 2 discute os três principais componentes de um ecossistema de dados inclusivo.**

Para cada componente, são discutidas as estratégias postas em prática como parte do projeto “Data that Matters”, juntamente com as lições aprendidas com a implementação do projeto e as recomendações daí resultantes. Esta secção destaca as conclusões resultantes da conceitualização, conceção, desenvolvimento e teste da ferramenta SIRA durante o projeto.

- **O Capítulo 3 apresenta a ferramenta Survey for Inclusive Rapid Assessment (SIRA).**

O que é o SIRA? Como pode ser utilizada para avaliar as barreiras e os factores que facilitam o acesso das pessoas com deficiência e dos idosos à assistência humanitária?

- **O Capítulo 4 fornece orientações sobre a utilização de dados inclusivos para apoiar a ação humanitária inclusiva.**

Uma vez que os dados e as ferramentas estejam disponíveis, como é que um ecossistema de dados mais inclusivo pode apoiar a tomada de decisões baseadas em provas? Como é que os dados - por exemplo, do SIRA - servem os esforços de advocacia e/ou a programação humanitária? Como podemos garantir que o ciclo de dados não é apenas de natureza extractiva e oferece um benefício direto àqueles que fornecem informações? Por outras palavras, como é que os dados sobre a inclusão da deficiência e da idade avançada podem ser utilizados para encaminhamentos, prestação de assistência humanitária inclusiva e/ou esforços de sensibilização?

Como ler este guia:

- ♦ Para os agentes humanitários interessados numa **abordagem de integração** da deficiência e/ou da idade avançada, os capítulos 1, 2 (secções 1), 3 e 4 (secções 2 e 3) são os mais relevantes.
- ♦ Os agentes humanitários que procuram implementar **intervenções focalizadas** encontrarão as informações mais relevantes nos capítulos 2, 3 e 4 (secções 1 e 3).
- ♦ As organizações que se dedicam à **advocacia** da inclusão da deficiência e da idade avançada em contextos humanitários obterão mais benefícios com a leitura dos capítulos 2 e 4, sendo que outras secções do guia passo-a-passo também são relevantes.

Contexto

Em contextos humanitários, as pessoas com deficiência e os idosos tornam-se frequentemente invisíveis devido à falta de dados exactos. Por exemplo, em Cabo Delgado, Moçambique, o número total de pessoas com deficiência é desconhecido. Isto deve-se aos frequentes movimentos da população e à inconsistência dos métodos de recolha de dados entre os actores humanitários, que utilizam diferentes ferramentas para determinar a vulnerabilidade.¹ Existem também poucas provas sobre a identificação dos idosos nas respostas humanitárias, em grande parte porque os dados sobre eles não são recolhidos por rotina^{2 3 4}, tornando-os invisíveis nos contextos humanitários.⁵

O objetivo é melhorar o acesso das pessoas com deficiência e dos idosos à assistência humanitária, informando a programação humanitária, apoiando os esforços de advocacia e facilitando o encaminhamento eficaz de pessoas identificadas com vulnerabilidades específicas.

Este guia baseia-se na investigação realizada pela Light for the World, FAMODi e Design Innovation Group em Moçambique em 2023 e 2024, desenvolvendo e testando a ferramenta Survey for Inclusive Rapid Assessment (SIRA).



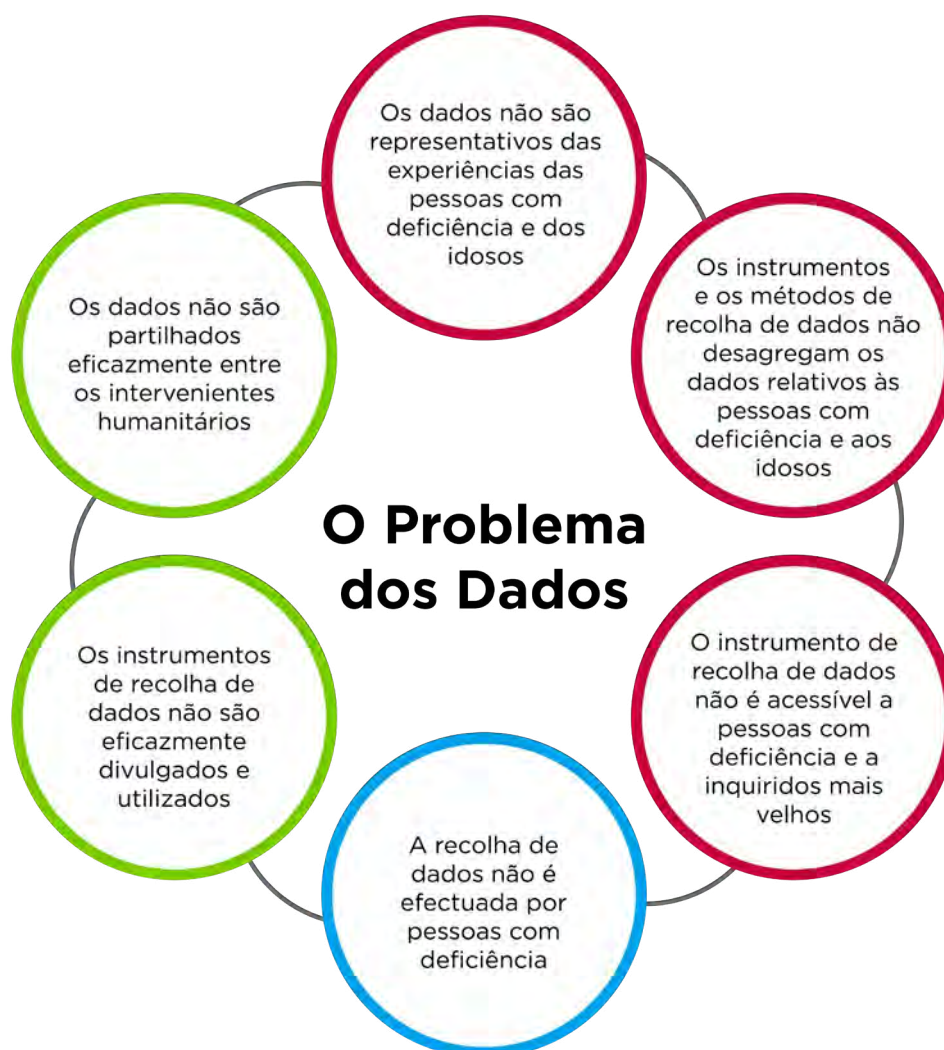
O Problema de Dados



Os desafios enfrentados pelos programas humanitários na inclusão das pessoas com deficiência e dos idosos em contextos de emergência e de crise resultam da dificuldade em obter dados fiáveis.

A identificação do grupo-alvo na comunidade e a desagregação dos dados constituem obstáculos significativos. A recolha de dados inclusivos deve também abordar as barreiras culturais, como a discriminação e o estigma, uma vez que muitas pessoas com deficiência não discutem abertamente as barreiras que enfrentam.

O Problema de Dados



O problema dos dados envolve múltiplas dimensões que se reforçam entre si, daí a necessidade de visar múltiplos aspectos como parte de uma abordagem ecossistémica inclusiva. Estes aspectos podem ser agrupados em três grandes categorias:

- Os instrumentos e métodos de recolha de dados são inadequados.
- As pessoas com deficiência não são envolvidas no processo de recolha de dados e na subsequente utilização dos mesmos.
- Os dados e os instrumentos não são divulgados e utilizados.

Embora possa não ser viável para um único interveniente visar todos os aspectos de uma só vez numa única intervenção, dada a importância de conseguir uma melhor inclusão das pessoas com deficiência e dos idosos, é importante manter uma visão abrangente do problema e conceber estratégias de dados multifacetadas em resposta.

O Que Define um Ecossistema de Dados Inclusivos

O princípio orientador da ação humanitária inclusiva é garantir que ninguém é deixado para trás. **Um ecossistema de dados inclusivo significa que a recolha, a gestão, a análise e a partilha de dados são realizadas de forma inclusiva e acessível.** No contexto da ação humanitária, esses dados inclusivos devem informar a programação e apoiar os esforços de sensibilização.

Em última análise, um ecossistema de dados inclusivo tem como objetivo garantir que as perspectivas de todas as pessoas afectadas por crises sejam consideradas e postas em prática. Ao fazê-lo, dá um primeiro passo para garantir a igualdade de acesso aos serviços humanitários. O passo seguinte é a vontade e o know-how para utilizar estes dados para criar uma resposta humanitária inclusiva.

Chegar às populações mais difíceis de alcançar requer a participação significativa das populações afectadas na resposta humanitária. O envolvimento de organizações representativas - tais como Organizações de Pessoas com Deficiência (OPDs), Associações de Pessoas Idosas (OPAs), organizações de mulheres e organizações de jovens - pode facilitar este processo quando estas estão presentes. As Organizações Não-Governamentais Internacionais (ONGIs) podem fornecer apoio técnico e conhecimentos especializados sobre dados e programação humanitária para ajudar as organizações representativas como parte dos esforços de localização.





2

Criando Ecossistemas de Dados Inclusivos para a Ação Humanitária

Promovendo um Ecossistema de Dados Inclusivos

O conteúdo deste capítulo resulta da experiência do projeto Data That Matters e da implementação da ferramenta de avaliação rápida SIRA em Cabo Delgado, Moçambique, em 2024.

O capítulo descreve três áreas-alvo para o desenvolvimento de um ecossistema de dados inclusivo:

- i) identificação e mapeamento de grupos-alvo,
- ii) recolha de dados inclusivos,
- iii) e análise e divulgação de dados para apoiar uma ação humanitária mais inclusiva.

Estes três aspectos respondem às categorias subjacentes ao problema dos dados (ver capítulo 1, pp. 6-11)

A identificação e o mapeamento inclusivos centram-se na caracterização ética e efectiva do grupo da população-alvo, em particular das pessoas com deficiência. As questões-chave incluem: qual é a prevalência da deficiência? Quem são as pessoas com deficiência? Como podemos identificar melhor as pessoas com deficiências invisíveis?

As práticas de inclusão da deficiência e da idade avançada na amostragem e na recolha de dados visam assegurar uma participação significativa destes dois grupos-alvo no processo de recolha de dados. Visam igualmente o reforço das capacidades de todos os intervenientes humanitários e a utilização de tecnologias e formatos acessíveis tanto para os enumeradores como para os inquiridos.

A análise e a divulgação de dados centram-se na eficácia e na partilha de:

- i) ferramentas e métodos relevantes para a análise de dados desagregados, e
- ii) dados e conclusões inclusivos para apoiar a tomada de decisões com base em dados concretos.

O conteúdo do capítulo é retirado do projeto “Data that Matters”, nomeadamente: o que se pretendia alcançar em termos de estratégia de dados inclusiva, quais foram os sucessos e os fracassos (aprendizagens) e as recomendações que dele se podem retirar.

Três áreas para um ecossistema de dados inclusivo.



Identificação e mapeamento inclusivos



Práticas inclusivas de amostragem e recolha de dados



Análise e divulgação de dados

Identificação e Mapeamento Inclusivos

Contexto

A identificação dos grupos-alvo é o primeiro passo para os atingir. No que respeita à deficiência, há várias questões fundamentais relacionadas com a identificação inclusiva:

1. O modelo de deficiência e o entendimento das partes interessadas sobre o que é uma deficiência.
2. O estigma e o acesso às pessoas com deficiência.
3. Auto-identificação versus identificação baseada na comunidade versus ferramentas baseadas no censo, como as Perguntas do Grupo de Washington.
4. Ética da identificação quando se prevêem lacunas no alcance da intervenção.

A Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD) baseia-se num modelo social de deficiência, segundo o qual a deficiência é o produto de uma incapacidade em interação com as barreiras existentes. A deficiência pode ser sensorial (visual, auditiva), ligada à mobilidade, intelectual, psicossocial ou múltipla; enquanto as barreiras podem ser ambientais, de atitude, institucionais ou de comunicação. Ao estabelecer um quadro jurídico internacional, a CNUDPD vincula ainda mais o modelo social da deficiência a um modelo baseado nos direitos humanos.

O estigma conduz à exclusão, e alguns tipos de deficiência são mais estigmatizados do que outros a nível da comunidade. Este estigma implica um custo social da deficiência, levando a que os indivíduos, a família ou a comunidade se esforcem por tornar a deficiência invisível. Para além da interseccionalidade, alguns indivíduos podem tornar-se difíceis de identificar e, consequentemente, de alcançar. A auto-identificação é facilmente suscetível de erro - com pessoas que se identificam erradamente como tendo ou não uma deficiência - quer devido a preconceitos na resposta, quer devido ao estigma e à falta de sensibilização. A identificação com base na comunidade - por exemplo, através de informadores-chave ou de líderes comunitários - é uma abordagem rápida e mais eficaz, mas pode também excluir indivíduos e/ou tipos de deficiência específicos.

O conjunto de perguntas do Grupo de Washington (WG) é atualmente a melhor ferramenta para identificar pessoas com deficiência com base no modelo social da deficiência. No entanto, o principal objetivo do WG é avaliar a prevalência da deficiência numa população e não identificar indivíduos específicos no âmbito da execução do programa.⁷ Dependendo do conjunto de perguntas utilizado - conjunto curto (WG-SS) vs conjunto alargado (WG-ES) - podem ser excluídas deficiências importantes, por exemplo, ansiedade e depressão. As estimativas da prevalência da deficiência requerem uma amostra aleatória, um grande número de observações, conhecimentos técnicos e capacidade logística e financeira. Além disso, a estimativa da prevalência dependerá do conjunto (e dos domínios funcionais) utilizado.⁸

A identificação acarreta sempre algum risco, com implicações éticas e operacionais diretas num contexto humanitário. A melhor estratégia para a identificação inclusiva depende do contexto. No entanto, há princípios-chave que podem orientar a nossa abordagem.

Identificação e Mapeamento Inclusivos

Questões Orientadoras:

As perguntas seguintes estão diretamente relacionadas com o conteúdo desta secção.

- ◆ Como é que a deficiência é identificada e por quem?
- ◆ Qual é a prevalência da deficiência na área-alvo?
- ◆ Quais são as principais questões éticas associadas à identificação de pessoas com deficiência e como é que isso se relaciona com o princípio de não causar danos?
- ◆ Como é que as diferentes vulnerabilidades - como o estatuto de deslocado e a interseccionalidade - afectam a identificação?
- ◆ A conceção e a implementação do programa afectam a abordagem que pode ser adoptada para a identificação?



Identificação e Mapeamento Inclusivos

Estratégias

Seguem-se as principais estratégias aplicadas pelo projeto Data That Matters para garantir a identificação e o mapeamento inclusivos:

Identificação através de perguntas do grupo de Washington

O sector humanitário pode ainda abordar a deficiência através de um modelo médico que está agora ultrapassado para este fim.⁷ Ao utilizar as perguntas do Grupo de Washington, o projeto fundamentou a identificação das pessoas com deficiência no modelo baseado nos direitos humanos. Para além de uma estimativa da prevalência da deficiência, as perguntas do Grupo de Washington podem orientar a interpretação das barreiras e dos factores que facilitam o acesso das pessoas com deficiência e dos idosos à assistência humanitária.

Combinação dos conjuntos curto e alargado do Grupo de Washington

O conjunto curto (WG-SS) fornece uma identificação internacionalmente aceite e comparável dos principais tipos de deficiência (mobilidade, visual, auditiva, intelectual). Para permitir a identificação de deficiências frequentemente invisíveis e, por conseguinte, potencialmente mal servidas, o desenvolvimento do instrumento de inquérito também tomou emprestados domínios funcionais específicos do conjunto alargado (WG-ES): ansiedade, depressão, fadiga e dor. Os dois últimos domínios funcionais foram incluídos com um enfoque específico nas pessoas idosas.^{9 10}

Amostragem aleatória e grande dimensão da amostra

O projeto visava uma amostragem aleatória para garantir que a prevalência da deficiência pudesse ser estimada. Um número elevado de pessoas aumenta a probabilidade de abranger grupos específicos da população e de extrair dos dados informações razoáveis sobre os mesmos. A dimensão da amostra foi calculada tendo em conta a interação entre sexo, idade, deficiência e situação de deslocação.

Ética da identificação e benefícios dos encaminhamentos

A prestação de assistência humanitária não fazia parte do projeto nem era um seguimento direto do mesmo. Por conseguinte, a identificação não estava diretamente relacionada com o acesso. Na sua conceção, a identificação estaria associada ao risco de identificar pessoas que depois não seriam apoiadas devido a lacunas na prestação de assistência. O projeto também tinha como objetivo fornecer encaminhamentos no momento da recolha de dados/identificação. Este processo pode garantir que os benefícios imediatos sejam disponibilizados aos indivíduos identificados.

Identificação e Mapeamento Inclusivos

Aprendizados

Seguem-se as principais aprendizagens do projeto “Data That Matters” relativamente à identificação e mapeamento inclusivos:

Identificação através de perguntas do grupo de Washington

Sucesso parcial: A baixa prevalência de certas deficiências funcionais - nomeadamente a audição e a mobilidade - apontava para dificuldades de identificação. As análises pós-ação revelaram que tal se deveu em parte à existência de barreiras a nível doméstico/familiar durante o inquérito. A investigação no terreno nas áreas de inquérito também indicou a falta de conhecimento e utilização formal da língua gestual, com as pessoas com deficiência auditiva a dependerem da assinatura informal. Isto aponta para a falta de adaptações razoáveis sob a forma de um intérprete local adequado e, em geral, para a dificuldade em garantir que as pessoas com determinadas deficiências não estão a ser excluídas.

Combinação dos conjuntos curtos e alargados de GT

Certos domínios funcionais tiveram um peso maior na prevalência final da deficiência. Por exemplo, os domínios cognitivo, da ansiedade e da depressão registaram uma prevalência elevada, ao passo que a audição e a mobilidade foram menos bem captadas. A questão pode estar relacionada com a amostragem e o acesso aos indivíduos.

Sucesso: A inclusão das perguntas do Grupo de Washington que abrangem os domínios funcionais psicossociais - ansiedade, depressão e fadiga - resultou numa estimativa muito maior da prevalência da deficiência. Este foi especialmente o caso das pessoas idosas, que também apresentaram uma elevada prevalência de incapacidade funcional para a dor e a fadiga. O empréstimo de domínios funcionais do WG-ES teve um impacto claro na identificação.

Amostragem aleatória e grande dimensão da amostra

Sucesso: Foi necessária uma amostra de grande dimensão para garantir uma cobertura adequada em termos de sexo, idade, deficiência e situação de deslocação - fornecendo alguns dados intersectoriais.¹¹ O tamanho da amostra torna-se rapidamente proibitivo quando se pretende cobrir mais áreas.

Falha: Apesar de uma amostragem estratificada e agrupada em duas fases,¹² barreiras ao nível dos agregados familiares e das famílias - não relacionadas com o género - impediram a correta aplicação das perguntas do Grupo de Washington, afectando assim as estimativas da prevalência da deficiência. Dependendo do contexto, pode ser mais simples confiar na identificação baseada na comunidade, em conjunto com discussões de grupos de discussão orientadas para os obstáculos e facilitadores. As organizações representativas ou os trabalhadores no terreno podem facilitar este processo. Se estiver a trabalhar com um grupo pré-identificado, o valor ético e de custo-benefício da utilização adicional das perguntas do Grupo de Washington está aberto a debate.¹³

Identificação e Mapeamento Inclusivos

Ética da identificação e benefícios dos encaminhamentos

O projeto não foi confrontado com o dilema ético de identificar potencialmente mais indivíduos-alvo do que aqueles que poderiam ser alcançados pelo programa - uma preocupação muito real noutros contextos.

Sucesso: Ao fornecer referências de serviços aos inquiridos, o projeto assegurou que estes pudessem beneficiar da sua participação, oferecendo uma estratégia significativa para manter a recolha de dados ética.

Recomendações

Identificação através de perguntas do grupo de Washington

Ter em atenção que nem todos os tipos de deficiência podem ser corretamente amostrados. As ferramentas digitais de recolha de dados permitem a monitorização em tempo real, o que, por sua vez, pode permitir a adoção de medidas corretivas. Complementar os métodos baseados em inquéritos centrados nos grupos de trabalho com discussões de grupos focais envolvendo pessoas com diferentes tipos de deficiência. Estas podem ser pessoas identificadas pela comunidade - por exemplo, através de organizações representativas e/ou trabalhadores no terreno.

Combinação dos conjuntos curtos e alargados de GT

Incluir perguntas que abranjam os domínios funcional psicossocial e da dor, uma vez que estes são cruciais para:

- detetar uma parte grande e de outro modo invisível da população com deficiência psicossocial,
- a inclusão de pessoas idosas com deficiência, que são desproporcionadamente afectadas pela dor e pela deficiência psicossocial.¹⁰

Os resultados da utilização tanto do conjunto curto (WG-SS) como do conjunto alargado (WG-ES) de perguntas do Grupo de Washington podem informar diretamente a programação e a sensibilização. O valor operacional e programático dos dados fornecidos pelo Grupo de Washington deve ter prioridade sobre a adesão estrita ao conjunto curto de seis perguntas (WG-SS), que foi concebido principalmente para fornecer dados comparáveis a nível internacional sobre a prevalência da deficiência em contextos não emergenciais.^{8 14}

Amostragem aleatória e grande dimensão da amostra

Utilizar uma estratégia de amostragem sólida e procurar obter a maior dimensão de amostra possível. Se a prevalência da deficiência não for o foco principal, os pressupostos sobre a aleatoriedade podem ser flexibilizados graças a técnicas computacionais que podem ser implementadas durante a análise, tais como métodos baseados na permutação, como o Teste Exato de Fisher.

Ética da identificação e benefícios dos encaminhamentos

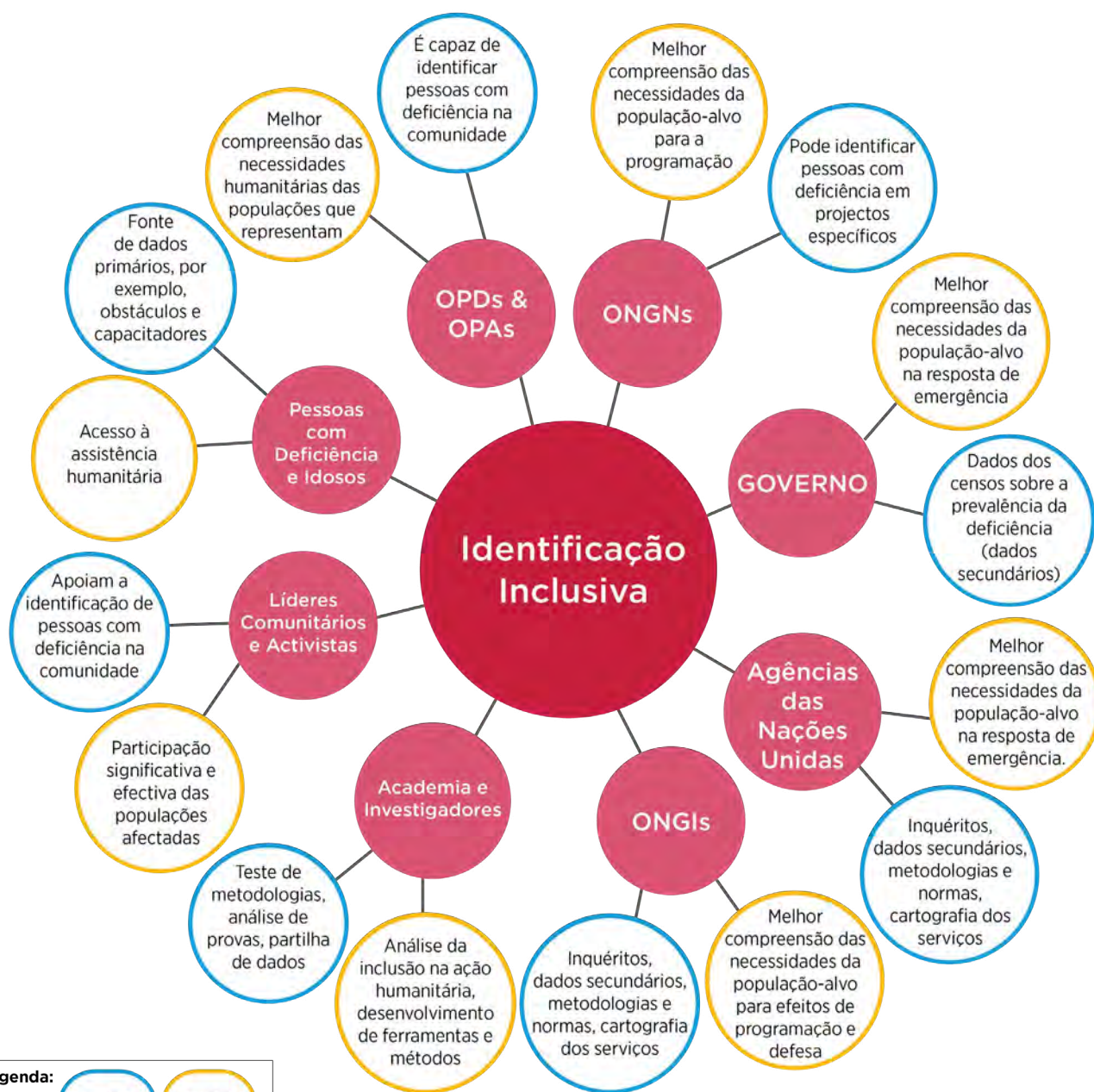
Realizar referências durante a recolha de dados, uma vez que isso proporciona apoio aos inquiridos, apoiando assim um processo de recolha de dados mais ético.

Identificação e Mapeamento Inclusivos

Intervenientes

Mapeamento dos Intervenientes: Utilizadores e Fornecedores de Dados

O diagrama destaca as diversas partes interessadas envolvidas no ecossistema humanitário, tal como identificadas pelo projeto Data That Matters. Estas partes interessadas representam uma vasta gama de actores, incluindo comunidades, sociedade civil, governos, organizações internacionais e universidades. Cada um deles desempenha um papel duplo, fornecendo e utilizando dados, para promover a identificação e o mapeamento inclusivos das pessoas com deficiência.



Práticas de Inclusão de Pessoas com Deficiência e Idosos na Recolha de Dados

Contexto

As práticas de recolha de dados que incluem as pessoas com deficiência e os idosos podem centrar-se nos enumeradores e nos inquiridos, ou em ambos. As abordagens baseiam-se numa participação significativa e efectiva e na acessibilidade.

Práticas inclusivas para enumeradores:

Ao liderar ou participar na recolha de dados, as pessoas com deficiência e os idosos ganham visibilidade e liderança, quebrando o ciclo de invisibilidade no processo de recolha de dados.⁶

Quando as pessoas com deficiência e os idosos são enumeradores de inquéritos, incentivam a participação de outras pessoas com deficiência e idosos, actuando como modelos, o que ajuda a reduzir o estigma em torno da deficiência. Esta modelação de papéis desafia o paradigma da capacidade, que muitas vezes assume que se espera que as pessoas com deficiência e as pessoas mais velhas alcancem menos.¹⁵

Quando os enumeradores provêm das comunidades inquiridas, o seu envolvimento permite que as populações afectadas participem ativamente na produção de dados. A inclusão de organizações representativas, como as Organizações de Pessoas com Deficiência (OPDs) e as Associações de Pessoas Idosas (OPAs), também apoia os esforços de localização no âmbito da resposta à crise.¹⁶

Para garantir que as pessoas com deficiência possam realizar inquéritos em pé de igualdade com os outros, os formatos e ferramentas utilizados devem ser acessíveis. Isto inclui a utilização de linguagem simples e adequada ao contexto nos questionários, em vez de termos altamente técnicos, a disponibilização de adaptações razoáveis, como intérpretes de língua gestual, e a garantia de que as ferramentas digitais de recolha de dados são compatíveis com os leitores de ecrã.

Práticas inclusivas para os inquiridos:

A participação efectiva e significativa dos inquiridos pode:

- assegurar que as pessoas, em toda a sua diversidade, estão representadas nos dados e
- atenuar a natureza extractiva do processo de recolha de dados

Uma representação equilibrada exige que tanto a identificação (ver capítulo 3, pp. 34-46) como a recolha de dados sejam inclusivas - com instrumentos e protocolos de recolha de dados cuidadosamente concebidos para ter em conta as diversas necessidades de acessibilidade.

Práticas de Inclusão de Pessoas com Deficiência e Idosos na Recolha de Dados

No caso das pessoas com deficiência e dos idosos, os indivíduos podem ter deficiências auditivas, visuais, de mobilidade, cognitivas, psicossociais, outros tipos de deficiências ou uma combinação destas. Mesmo quando os critérios formais de exclusão são eliminados, as pessoas com deficiência e os idosos podem estar sub-representados se os métodos e a logística da recolha de dados não proporcionarem adaptações razoáveis.

Liderar ou participar na recolha de dados pode capacitar as pessoas com deficiência e os idosos e incentivar uma melhor compreensão das necessidades específicas dos inquiridos com deficiência e dos inquiridos idosos. Além disso, esse envolvimento pode reduzir o carácter intrusivo da recolha de dados. Por exemplo, as perguntas sobre saúde mental foram referidas como sendo sensíveis em determinados contextos devido ao estigma.¹⁷ O equilíbrio do fluxo de informação também pode ajudar a mitigar a natureza extractiva da recolha de dados - por exemplo, através de referências (ver capítulo 4, pp. 47-58).

Questões Orientadoras:

As perguntas seguintes estão diretamente relacionadas com o conteúdo desta secção.

- ♦ Como é que a recolha de dados pode ser mais inclusiva para enumeradores e inquiridos com deficiência ou enumeradores/respondentes mais velhos?
- ♦ Que papel podem desempenhar os enumeradores com deficiência na promoção da inclusão da deficiência a nível comunitário?
- ♦ Que medidas podem ser tomadas para mitigar a natureza extractiva da recolha de dados?
- ♦ Como é que as práticas inclusivas de recolha de dados promovem a participação das populações afectadas e a agenda da localização?

Práticas de Inclusão de Pessoas com Deficiência e Idosos na Recolha de Dados

Estratégias

A recolha de dados inclusiva em relação à deficiência e à idade avançada visa uma participação significativa e efectiva tanto dos enumeradores como dos inquiridos. Algumas estratégias para a recolha de dados inclusiva foram testadas no projeto “Data that Matters”:

As pessoas com deficiência como modelos a seguir

A recolha de dados foi coordenada por uma organização de pessoas com deficiência (OPD), com pessoas com deficiência e idosos na liderança. Para além de promover uma participação significativa e eficaz dos membros da OPD, a abordagem tinha como objetivo capacitar as pessoas com deficiência e as pessoas idosas como enumeradores. Além disso, esperávamos que os entrevistados que também enfrentam barreiras funcionais se sentissem mais confortáveis e representados ao interagir com enumeradores que podem partilhar experiências semelhantes. Esta ligação, por sua vez, levou a uma troca mais positiva e aberta durante a recolha de dados.

Organização das pessoas com deficiência e a lente da inclusão

A sensibilização para a deficiência deve ser abordada desde o início de um programa de recolha de dados, por exemplo, durante as sessões de formação para enumeradores e facilitadores. Isto pode ser conseguido sensibilizando os enumeradores através de actividades de dramatização, em que se deparam com cenários desafiantes que envolvem barreiras de acessibilidade e comunicação. Através destes exercícios, podem experienciar potenciais obstáculos em primeira mão e criar estratégias de colaboração para soluções. Também é importante reconhecer a diversidade de tipos de deficiência, assegurando que os enumeradores compreendem as necessidades distintas associadas a cada uma - ou seja, com o objetivo de proporcionar adaptações razoáveis. Para além disso, não se deve assumir automaticamente que as pessoas mais velhas são anciãos ou líderes da comunidade, uma vez que esta distinção varia consoante os indivíduos e os contextos.

Comunicação inclusiva e acessível

As barreiras linguísticas, os problemas de tradução, as baixas taxas de literacia e as deficiências auditivas e de fala constituem desafios significativos para uma comunicação eficaz durante a recolha de dados. É essencial trabalhar em estreita colaboração com os enumeradores, uma vez que estes traduzirão as perguntas para as línguas locais, fornecerão o contexto e utilizarão linguagem gestual ou livros ilustrados quando necessário. A revisão do questionário com os enumeradores garante que eles compreendem totalmente as perguntas e cria uma oportunidade para sugerirem melhorias que simplifiquem e contextualizem a linguagem utilizada.

Práticas de Inclusão de Pessoas com Deficiência e Idosos na Recolha de Dados

Referências dos inquiridos

O fornecimento de referências ajuda a equilibrar a natureza extractiva da recolha de dados, oferecendo benefícios tangíveis aos inquiridos. Num contexto de resposta humanitária, ajudar as pessoas em necessidade é uma obrigação. Quando uma organização ou indivíduo não pode prestar ajuda direta, encaminhar as pessoas para outras organizações pode cumprir esta responsabilidade. A recolha de dados oferece uma oportunidade valiosa para fornecer estes encaminhamentos, assegurando que os inquiridos beneficiam da sua participação.

Aprendizados

Seguem-se as principais aprendizagens do projeto “Data That Matters” na área das Práticas de Recolha de Dados Inclusivas para Pessoas com Deficiência e Idosas:

As pessoas com deficiência como figuras de exemplo

Sucesso: Durante as Revisões Pós-Ação, as pessoas com deficiência que participaram como enumeradores na recolha de dados relataram sentir-se capacitadas pelas competências aprendidas e pela experiência adquirida.

Sucesso: Os enumeradores mais velhos e os enumeradores com deficiência também relataram ter sentido uma mudança positiva na perceção que a comunidade tem das pessoas com deficiência e do que elas podem alcançar.

Organização das pessoas com deficiência e a lente da inclusão

Sucesso: Os membros da OPD são especialistas em inclusão. A liderança do processo de recolha de dados ajudou a garantir que a deficiência não fosse abordada de uma perspetiva médica.

Falha: Apesar de todos os enumeradores serem membros da OPD, de metade deles serem pessoas com deficiência e de a equipa incluir pessoas idosas, houve uma tendência para enfatizar as dimensões gerais do inquérito em vez dos aspectos de inclusão da deficiência e da idade avançada. Mesmo quando os coordenadores de campo e os principais enumeradores estavam envolvidos no teste do inquérito, não havia uma lente de inclusão automática aplicada por pessoas com deficiência, pessoas idosas ou organizações representativas. Isto realça a necessidade de formação específica e prática sobre a ligação entre as secções do questionário e a inclusão da deficiência ou do idoso, independentemente da formação do enumerador.

Comunicação inclusiva e acessível

Falha: A utilização de livros ilustrados para fins de inquérito revelou-se um desafio, em especial com pessoas mais velhas.

Práticas de Inclusão de Pessoas com Deficiência e Idosos na Recolha de Dados

Sucesso: A linguagem simples facilitou a tradução para a língua local, Makhuwa, melhorando a comunicação em geral.

Um obstáculo significativo salientado pelos inquiridos mais velhos e pelos inquiridos com deficiência foi a falta de opções de comunicação acessíveis no atual contexto humanitário.

Sucesso: As ferramentas digitais de recolha de dados com compatibilidade com leitores de ecrã garantiram que os enumeradores com deficiências visuais pudessem executar eficazmente o questionário.

Sucesso parcial: Embora as adaptações razoáveis, como a disponibilização de um intérprete de língua gestual, tenham permitido que os enumeradores com deficiências auditivas ou de fala participassem na recolha de dados, alguns inquiridos com deficiências semelhantes não falavam língua gestual, o que limitou a sua participação plena.

Referências dos inquiridos

Sucesso: 60% dos inquiridos receberam um encaminhamento. Este facto foi considerado benéfico pelos inquiridos, que partilharam amplamente a perceção de que a comunicação não é, muitas vezes, suficientemente acessível nas áreas inquiridas. Os encaminhamentos centraram-se nos serviços de WASH e de saúde.

Recomendações

Pessoas com deficiência como figuras de exemplo

Participar ou liderar a recolha de dados pode ser uma experiência de capacitação, ajudando a moldar positivamente as percepções da comunidade sobre a deficiência e a idade avançada. As ONG internacionais podem desempenhar um papel fundamental através do apoio técnico aos OPDs e OPAs, oferecendo conhecimentos especializados e facilitando a co-criação e adaptação de ferramentas para a recolha de dados. Após a recolha de dados, podem ser utilizadas análises pós-ação e métodos participativos para captar e desenvolver os conhecimentos e as aprendizagens do processo.

Organização das pessoas com deficiência e a lente da inclusão

As Organizações de Pessoas com Deficiência (OPD) podem não estar presentes em todos os contextos de emergência. No entanto, continua a ser essencial envolver as pessoas com deficiência na recolha de dados. A formação específica sobre a ligação entre perguntas específicas no instrumento de recolha de dados e a inclusão de pessoas com deficiência e idosos é fundamental, mesmo quando os enumeradores são especialistas em inclusão. Os exercícios de dramatização e de simulação de entrevistas podem ser muito eficazes para este efeito.

Práticas de Inclusão de Pessoas com Deficiência e Idosos na Recolha de Dados

Comunicação inclusiva e acessível

A utilização de uma linguagem simples é uma forma eficaz de apoiar a participação. Os formatos de comunicação alternativos, como os livros ilustrados, requerem um investimento significativo no desenvolvimento e teste para determinar a melhor apresentação. Proporcionar adaptações razoáveis é essencial tanto para os enumeradores como para os inquiridos, embora possa ser mais difícil de conseguir para os inquiridos. É necessário um planeamento e uma consideração cuidadosos para garantir os melhores resultados possíveis em termos de inclusão. A realização prévia de investigação no terreno em pequena escala pode ajudar a identificar estratégias promissoras para adaptações razoáveis eficazes - por exemplo, para pessoas com deficiências auditivas e/ou de mobilidade.

Referências dos inquiridos

Utilize o inquérito como uma oportunidade para fornecer referências, o que ajuda a equilibrar a natureza de outro modo extractiva da recolha de dados. Considere a integração de referências em mecanismos de feedback quando apropriado.¹⁸



Práticas de Inclusão de Pessoas com Deficiência e Idosos na Recolha de Dados

Intervenientes

Mapeamento dos Intervenientes: Utilizadores e Fornecedores de Dados

O diagrama mostra o leque de partes interessadas envolvidas no ecossistema humanitário, tal como reconhecido pelo projeto Data That Matters. Abrangendo comunidades, sociedade civil, governos, organizações internacionais e universidades, estes intervenientes são parte integrante como contribuintes e utilizadores de dados. Os seus esforços centram-se na implementação de abordagens inclusivas da deficiência e da idade avançada para a amostragem e recolha de dados, assegurando a participação significativa destes grupos ao longo do processo.



Partilha e Análise de Dados

Contexto

Os dados são fundamentais para compreender as necessidades das populações afectadas, o contexto operacional e a resposta humanitária. Os dados desempenham um papel fundamental em todo o ciclo do programa e apoiam ainda os esforços de sensibilização e investigação.

Partilha de Dados

Além de gerar novos dados, os dados existentes também precisam de ser eficazmente partilhados entre os actores humanitários. De facto, quando se analisa o “problema dos dados” para a inclusão da deficiência e dos idosos na ação humanitária, uma questão central é a partilha de dados (ver capítulo 1, pp. 6-11).

Nos últimos anos, foram desenvolvidas práticas de dados abertos para a recolha, partilha e utilização de dados que estão livremente disponíveis e acessíveis a qualquer pessoa envolvida ou afectada pelo trabalho humanitário. Fundamentalmente, os dados abertos são normalmente fornecidos em formatos abertos que permitem um acesso, uma análise e uma utilização fáceis, com o objetivo adicional de melhorar a transparência e a atualidade, reforçar a coordenação entre os intervenientes humanitários e informar a tomada de decisões para respostas mais eficazes às crises. Como tal, os dados abertos podem oferecer um quadro para colmatar as lacunas de dados sobre a inclusão da deficiência e dos idosos.

O Intercâmbio de Dados Humanitários (HDX) do UN-OCHA fornece atualmente um hub centralizado para dados abertos, permitindo aos actores humanitários partilhar, aceder e analisar dados de várias fontes. No momento da redação do presente documento (novembro de 2024), o HDX alojava mais de 800 conjuntos de dados com dados específicos sobre deficiência e aproximadamente 200 conjuntos de dados com dados específicos sobre idosos.

Análise de Dados

Para alimentar a programação humanitária e as iniciativas de sensibilização ou de investigação, os dados devem ser transformados em provas acionáveis. A garantia de normas comuns de análise pode melhorar a comparabilidade e a partilha de resultados entre os intervenientes, proporcionando uma compreensão comum das necessidades e do contexto humanitários.

À semelhança dos dados abertos, o código aberto para a ação humanitária envolve a utilização e criação de software, ferramentas e recursos com código acessível ao público que qualquer pessoa pode utilizar, modificar e distribuir livremente. Esta abordagem aumenta a colaboração, a transparência e a inovação no sector humanitário, permitindo soluções mais rápidas, rentáveis, adaptadas localmente e escaláveis para responder a necessidades urgentes.

Partilha e Análise de Dados

Facilitar a análise de dados relevantes sobre a deficiência e a idade avançada pode apoiar os esforços para estabelecer as melhores práticas e obter dados significativos e acionáveis para a ação humanitária.

Questões Orientadoras:

As perguntas seguintes estão diretamente relacionadas com o conteúdo desta secção.

- ◆ Como é que os dados relevantes sobre a deficiência e a idade avançada podem ser partilhados eficazmente entre os intervenientes humanitários? Quais são os benefícios?
- ◆ Que soluções podem ser postas em prática para facilitar uma análise rigorosa dos dados relativos à deficiência e à idade avançada em contextos humanitários?
- ◆ Como é que a própria análise pode ser mais inclusiva para as pessoas com deficiência e para os idosos?



Partilha e Análise de Dados

Estratégias

Os dados sobre a idade avançada e a deficiência relevantes para os contextos humanitários devem ser eficazmente partilhados entre os intervenientes relevantes para apoiar uma resposta adaptada e coordenada. Da mesma forma, devem ser implementadas ferramentas e metodologias comuns de análise para garantir a comparabilidade dos resultados e a coordenação da resposta, de acordo com as melhores práticas disponíveis para a inclusão da deficiência e da idade mais avançada. É importante notar que, para serem relevantes para as populações afectadas, os dados e as análises requerem uma linguagem acessível, aprendizagem e reflexão, e participação ativa da comunidade.

Seguem-se algumas estratégias utilizadas pelo projeto “Data That Matters”:

Dados abertos

O projeto visava disponibilizar todos os dados gerados no HDX do UN-OCHA, oferecendo conjuntos de dados computacionalmente eficientes em formatos abertos, ao mesmo tempo que implementava as medidas de salvaguarda de dados necessárias antes da sua divulgação. Para além da partilha de conjuntos de dados, o projeto procedeu à publicação de um painel interativo de acesso livre para permitir aos utilizadores explorar alguns dos dados e resultados da implementação do SIRA.ⁱⁱ

Análise dos dados desagregados por deficiência e idade avançada

As análises devem ir além da saúde para explorar outras dimensões da deficiência e da idade avançada em contextos humanitários. Ao incluir dados qualitativos e quantitativos, o projeto visava também captar a experiência vivida da deficiência e da idade avançada em relação ao acesso à ajuda humanitária. Todas as análises incluíam a desagregação por deficiência e idade avançada, com outras desagregações por sexo e estatuto de deslocação para investigar a interseccionalidade.

Código aberto

A ferramenta de recolha de dados e o código informático utilizado para desenvolver as ferramentas de análise de dados devem ser disponibilizados gratuitamente em linha. Isto inclui o código utilizado para desenvolver a aplicação web interactiva/painel de controlo desenvolvido para a análise dos resultados do SIRA.ⁱⁱ Para além de promover a adaptação e a adoção de ferramentas, esta abordagem visa facilitar o desenvolvimento colaborativo de código e a melhoria da aplicação Web/painel de análise. Todas as análises devem basear-se em ferramentas gratuitas e de código aberto, como R, Python e modelos de inteligência artificial (IA) de código aberto.

Aprendizagem emergente

O projeto visava captar as principais aprendizagens em torno da inclusão da identificação e da recolha de dados com enumeradores e outros membros da OPD. O projeto também visava analisar e interpretar os resultados e as conclusões com os membros da OPD, especialmente no que diz respeito às barreiras e aos facilitadores que as pessoas com deficiência e os idosos enfrentam no acesso à assistência humanitária.

Partilha e Análise de Dados

Aprendizados

Seguem-se as principais aprendizagens do projeto “Data That Matters” na área da partilha e análise de dados.

Dados abertos

Sucesso: Entrevistas com informadores-chave e discussões em grupos de discussão com actores humanitários em Moçambique destacaram a procura de uma base de dados centralizada ou de um repositório para a partilha de dados relevantes sobre a deficiência e a idade avançada. Neste projeto, os dados poderiam ser rápida e eficazmente partilhados através da plataforma Humanitarian Data Exchange (HDX) do UN-OCHA.

Sucesso parcial: No entanto, a desagregação por deficiência e idade contribuiu para um risco não negligenciável no âmbito do controlo da divulgação estatística.ⁱⁱⁱ Isto afectou o processo de partilha de dados, a formatação dos dados subjacentes e, mais importante ainda, o tipo de desagregação de dados que podia ser disponibilizado, reduzindo a utilidade dos dados publicados para outras organizações. Esta questão foi resolvida fornecendo dados a pedido através do HDX connect.

Sucesso: Os resultados foram partilhados de forma eficaz através de uma aplicação interactiva em linha, que permitiu o acesso a elementos-chave dos dados, garantindo simultaneamente a salvaguarda da privacidade e a capacidade de explorar os resultados sem necessidade de conhecimentos avançados de análise de dados.

Análise dos dados desagregados por deficiência e idade avançada

Sucesso: As perguntas do Grupo de Washington (WG), seleccionadas tanto do conjunto curto (WG-SS) como do conjunto alargado (WG-ES), foram efetivamente utilizadas para desagregar dados em todos os domínios funcionais seleccionados ou em domínios funcionais específicos. Foi calculada uma prevalência global da deficiência e comparada com os resultados obtidos através da inclusão ou exclusão de domínios funcionais específicos - por exemplo, para avaliar o impacto dos domínios psicossociais na prevalência da deficiência nos campos de deslocados internos.

Sucesso: Os dados qualitativos complementaram a informação do GT e a desagregação por idade e sexo, oferecendo uma visão dos processos subjacentes às diferenças observadas.

Falha: Infelizmente, o projeto não teve oportunidade de fornecer feedback e discutir os resultados com as comunidades afectadas, para além das organizações representativas, antes do seu termo previsto.

Código aberto

Sucesso: Todo o código relevante desenvolvido no projeto foi partilhado com êxito em linha, gratuitamente, no GitHub.^{iv}

Sucesso: A aplicação Web desenvolvida para a visualização interactiva dos resultados desagregados por deficiência e idade era facilmente acessível aos utilizadores a partir de um PC ou de um smartphone.

Partilha e Análise de Dados

Sucesso parcial: Garantir a interatividade do painel de instrumentos limitou os tipos de análises e visualizações que podem ser apresentadas. De facto, a manutenção da coerência dos dados apresentados, a garantia de que a informação é facilmente digerível sem conhecimentos especializados e a garantia de renderização, tudo isto colocou restrições significativas à conceção. Outros formatos e layouts poderiam ter facilitado ainda mais a interpretação e a utilização dos resultados para a inclusão de pessoas com deficiência e idosos.

Aprendizagem emergente

Sucesso: As revisões pós-ação e os seminários de reflexão deram a todos os enumeradores a oportunidade de partilhar a sua experiência pessoal do inquérito e os resultados que esperavam da sua participação. Os enumeradores portadores de deficiência e os enumeradores idosos partilharam ideias sobre o sentimento de empoderamento resultante da participação no exercício de recolha de dados e sobre a imagem positiva das pessoas portadoras de deficiência e dos idosos projectada a nível da comunidade. De um modo geral, os workshops destacaram os pontos fortes e as deficiências da ferramenta e do processo de recolha de dados em termos de eficácia e inclusão.

Recomendações

Dados abertos

A partilha de dados no Humanitarian Data Exchange (HDX) do UN-OCHA é uma abordagem eficaz para disponibilizar informações valiosas a outras organizações humanitárias. Quando se utiliza o SIRA ou se partilham dados de inquéritos individuais ou aos agregados familiares de uma forma mais geral, é necessário aplicar previamente técnicas de divulgação estatística relevantes para garantir a privacidade e a proteção dos inquiridos. O HDX efectua essa análise quando os utilizadores assinalam os dados como potencialmente sensíveis durante o carregamento.¹⁹ Inevitavelmente, a partilha de dados acarreta riscos de salvaguarda que devem ser cuidadosamente mitigados.

Análise dos dados desagregados por deficiência e idade avançada

A análise deve basear-se na desagregação disponível dos dados por deficiência e idade avançada, juntamente com o sexo e outras características relevantes da população, como a situação de deslocação. A investigação da interseccionalidade dos dados é extremamente importante. A utilização de métodos mistos potencia os pontos fortes relativos dos métodos quantitativos e qualitativos, realçando os pontos comuns e as especificidades entre os grupos, ao mesmo tempo que fornece informações valiosas sobre os potenciais processos que explicam as diferenças observadas.

Código aberto

Participar no desenvolvimento e na partilha de ferramentas de fonte aberta para apoiar os esforços de transparência no que diz respeito às análises e à produção de resultados para a tomada de

Partilha e Análise de Dados

decisões com base em provas no contexto humanitário. Ao fazê-lo, apoiar o alinhamento entre os intervenientes e facilitar o acesso de terceiros a soluções técnicas rentáveis. As ONG internacionais podem desempenhar um papel único de apoio técnico, ajudando as organizações locais mais pequenas a adaptar e utilizar ferramentas de fonte aberta de última geração. Utilizar as ferramentas de fonte aberta disponíveis - por exemplo, para o controlo da divulgação de estatísticas.²⁰ O ecossistema de fonte aberta permite que os utilizadores acedam a tecnologias e metodologias avançadas gratuitamente e com o apoio de documentação substancial.

Aprendizagem emergente

Assegurar que as revisões pós-ação e os seminários de reflexão façam parte do ciclo do inquérito, de modo a proporcionar um meio de captar a aprendizagem emergente sobre práticas inclusivas. Os métodos de co-criação podem capacitar as pessoas com deficiência, os idosos e as suas organizações representativas para definirem os seus próprios objectivos de análise de dados e de aprendizagem (ver capítulo 2, pp. 12-33).

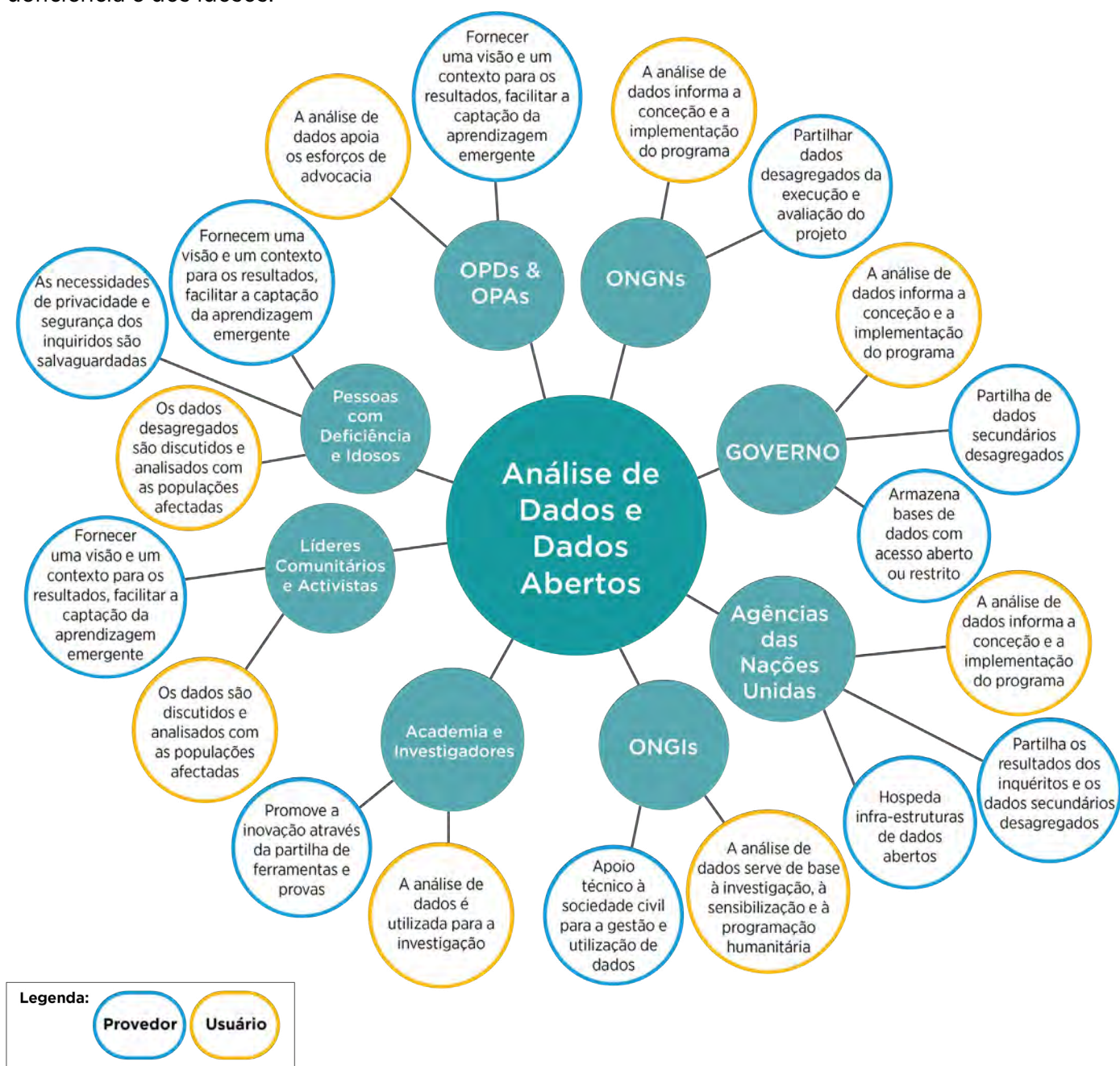


Partilha e Análise de Dados

Intervenientes

Mapeamento dos Intervenientes: Utilizadores e Fornecedores de Dados

O diagrama descreve os principais intervenientes no ecossistema humanitário, tal como identificados pelo projeto Data That Matters. Estas partes interessadas abrangem um vasto espectro, incluindo comunidades, sociedade civil, governos, organizações internacionais e universidades, que desempenham papéis tanto de utilizadores como de fornecedores. O seu envolvimento apoia a análise e divulgação de dados que reflectem as experiências e necessidades das pessoas com deficiência e dos idosos.





3

SIRA: Ferramenta de Avaliação Rápida e Inclusiva dos Obstáculos e Factores que Facilitam o Acesso à Assistência Humanitária

A Ferramenta SIRA (Inquérito Para uma Avaliação Rápida Inclusiva)

A Ferramenta Avaliação Rápida Inclusiva (SIRA) tem por objetivo identificar as barreiras e os factores que facilitam o acesso das pessoas com deficiência e dos idosos à ajuda humanitária. O instrumento é:

- **Simples** - para garantir uma recolha de dados acessível e simples em contextos complexos.
- **Flexível** - para se adaptar às diversas necessidades e contextos, mantendo o alinhamento e uma infraestrutura comum
- **Informativo** - fornece informações essenciais sobre áreas prioritárias para uma ação humanitária mais inclusiva.
- **Rápida** - o formato digital e os princípios de dados abertos asseguram uma forte redução do tempo de entrega dos dados às provas.

Esta ferramenta de métodos mistos utiliza dados quantitativos e qualitativos para identificar padrões e investigar experiências vividas e/ou a não linearidade dos processos que ocorrem no terreno.

São utilizados princípios de dados abertos e de fonte aberta para garantir que as ferramentas possam ser adaptadas e adoptadas por outros intervenientes - incluindo para a recolha e análise de dados - e que os dados e as principais conclusões sejam disponibilizados às comunidades humanitária e académica num formato comum.

Os princípios de conceção foram definidos de baixo para cima, de forma colaborativa:

- Conceção centrada no ser humano com actores humanitários, OPDs, ONGs e trabalhadores no terreno;
- Pesquisa de campo nos campos de deslocados internos de Cabo Delgado, Moçambique, e pesquisa documental sobre o atual estado da arte nos meios académicos e profissionais
- Desenvolvimento em colaboração de uma Teoria da Mudança envolvendo actores humanitários, OPDs, ONGs e universidades;
- Testes cognitivos e de campo exaustivos.

A SIRA pode ser utilizada em diversos contextos humanitários e é adequada ao longo de todo o ciclo de resposta à emergência - embora menos no início da emergência, quando os constrangimentos situacionais podem limitar o acesso a informação e formação chave. No início da emergência, o mapeamento e o fornecimento de referências (ver capítulo 4, pp. 47-58) e a adaptação das Perguntas do Grupo de Washington à língua local (página seguinte) podem não ser viáveis.

Adaptando as Perguntas do Grupo de Washington (WGQ)

As Perguntas do Grupo de Washington são ferramentas normalizadas concebidas para identificar pessoas com deficiência, avaliando as incapacidades funcionais em áreas-chave, conhecidas como domínios funcionais. Em vez de diagnosticar condições médicas, estas perguntas adoptam o modelo social da deficiência, tal como definido na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.²¹ Esta abordagem baseia-se na Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde da Organização Mundial de Saúde.²²

As Perguntas do Grupo de Washington (WGQ) provaram ser eficazes na produção de dados comparáveis a nível internacional sobre a prevalência da deficiência, fornecendo estimativas precisas do número de pessoas com deficiência nas populações afectadas. Isto melhora a avaliação das necessidades e a mobilização de recursos.²³ As perguntas são úteis para estimar a prevalência da deficiência nas áreas-alvo e para associar as deficiências funcionais a barreiras específicas e a factores que facilitam o acesso das pessoas à assistência humanitária.

Os principais ensinamentos da implementação das perguntas do Grupo de Washington no projeto “Data that Matters” incluem

- A importância de incluir os domínios funcionais de saúde mental do conjunto alargado de perguntas do Grupo de Washington.
- A importância de incorporar os domínios funcionais da dor e da fadiga para garantir a inclusão dos idosos.

Nem todos os domínios funcionais foram incluídos; foram utilizados 5 dos 6 domínios do conjunto curto, juntamente com quatro domínios adicionais do conjunto alargado.

Conclusões sobre a prevalência:

As perguntas do Grupo de Washington revelaram-se muito eficazes no rastreio de problemas de saúde mental, como a ansiedade, a depressão e a fadiga, bem como de deficiências relacionadas com o funcionamento intelectual, a visão, a mobilidade e a dor. No entanto, foram menos eficazes na identificação de deficiências auditivas.

Embora as perguntas avaliassem com êxito as deficiências “invisíveis”, como as relacionadas com a saúde mental, pareciam menos precisas na captação de certas deficiências “visíveis”, incluindo as deficiências auditivas.

É importante reconhecer que estas perguntas são apenas uma componente do processo de avaliação, com resultados potencialmente influenciados por factores como métodos de recolha de dados, abordagens de amostragem e enviesamentos de resposta.

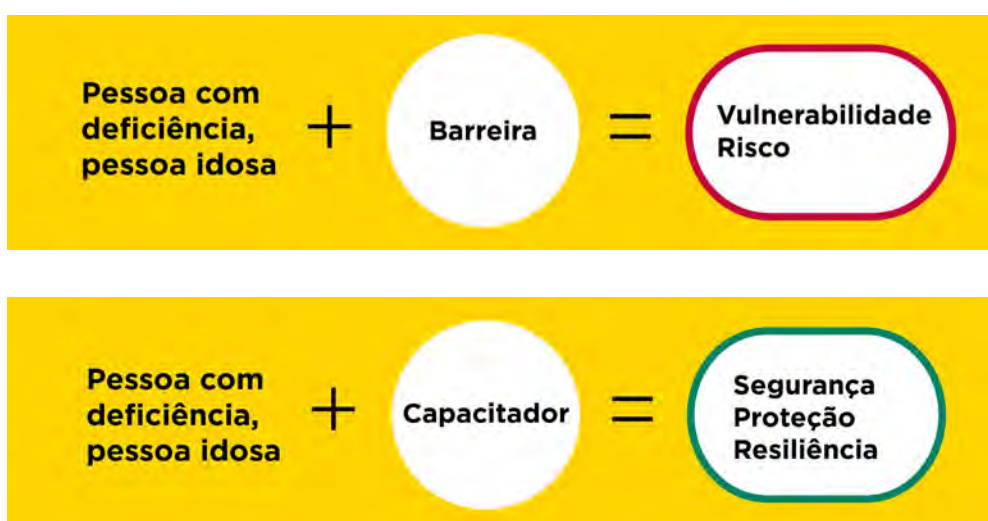
Obstáculos e Capacitadores

As pessoas com deficiência e os idosos enfrentam barreiras específicas em contextos humanitários que aumentam os seus riscos, exacerbando as ameaças e vulnerabilidades existentes. Essas barreiras podem ser de atitude, ambientais ou institucionais.²⁵ Enquanto os obstáculos impedem o acesso à assistência humanitária, os factores de promoção proporcionam mecanismos que facilitam esse acesso. É importante referir que os factores dinamizadores contribuem para melhorar a resiliência individual em contextos humanitários.²³

Os dados e as evidências são cruciais para compreender e abordar as barreiras e os factores que permitem que as pessoas com deficiência e os idosos encontrem. A recolha de dados inclusivos é destacada como uma das acções-chave nas Diretrizes do IASC sobre a Inclusão de Pessoas com Deficiência na Ação Humanitária.²³

O SIRA (Survey for Inclusive Rapid Assessment) foi desenvolvido para avaliar as barreiras e os factores facilitadores existentes, tanto em todos os inquiridos como em grupos específicos, utilizando dados desagregados por sexo, idade e deficiência. Esta dupla abordagem justifica-se não só pelas considerações logísticas da recolha de dados com amostras aleatórias, mas também pelo objetivo de apoiar tanto a integração como as estratégias específicas de inclusão na ação humanitária.

A avaliação das barreiras e dos factores facilitadores vai além de uma simples avaliação da deficiência centrada na saúde. Por conseguinte, esta dupla abordagem pode ser efetivamente implementada no âmbito do SIRA para proporcionar uma compreensão mais abrangente da inclusão em contextos humanitários.



Obstáculos e Capacitadores

Principais conclusões do SIRA no projeto “Data that Matters”:

- **Integração da deficiência:** muitos dos principais obstáculos e factores de promoção eram comuns a pessoas com e sem deficiência e a pessoas de diferentes idades e de ambos os sexos. Devem ser implementadas estratégias e respostas comuns que sejam inclusivas.
- **Abordagem direcionada:** algumas barreiras e facilitadores eram específicos das pessoas com deficiência e dos idosos - por exemplo, em torno da acessibilidade física das instalações WASH e do transporte para pessoas com deficiência.
- **Principais obstáculos e factores de promoção expressos a nível do agregado familiar:** a avaliação também foi realizada a nível individual, mas as respostas abrangeram sempre uma dimensão mais ampla que é comum à unidade do agregado familiar. Para avaliar apenas um grupo-alvo específico, as Discussões de Grupos Focais podem oferecer meios complementares para avaliar as respostas específicas do grupo-alvo.



Dados Qualitativos e Quantitativos

Os métodos mistos permitem a caracterização de padrões e tendências a um nível agregado através de questões quantitativas, enquanto as questões qualitativas investigam os processos não lineares responsáveis por esses padrões e tendências observados numa população. Os dados qualitativos permitem uma melhor compreensão das experiências vividas pelos indivíduos.

O Inquérito para uma Avaliação Rápida Inclusiva (SIRA) é um inquérito de métodos mistos que combina questões quantitativas e qualitativas. A componente quantitativa do SIRA centra-se nas perguntas do Grupo de Washington, bem como nas características sócio-demográficas do agregado familiar e do indivíduo, tais como o nível de educação e a dimensão do agregado familiar. A componente qualitativa está dividida num conjunto de perguntas estruturadas e num conjunto de perguntas não estruturadas. O questionário qualitativo estruturado utiliza uma lista predefinida de barreiras utilizada pela ferramenta Matriz de Localização de Deslocações da Organização Internacional para as Migrações, desenvolvida em conjunto com o ACNUR, a UNICEF e a Humanity & Inclusion.¹⁸ Esta informação estruturada centra-se nos processos subjacentes às barreiras existentes. As perguntas qualitativas não estruturadas centram-se nos factores que facilitam e nas experiências individuais dos inquiridos.

De um modo geral, para além da informação demográfica fundamental a nível individual e do agregado familiar, o SIRA visa captar tanto as experiências subjectivas como as necessidades dos indivíduos. Tudo isto é conseguido no âmbito de uma ferramenta de avaliação rápida que é fácil de aplicar e utiliza uma linguagem simples.

Porque é que a SIRA utiliza métodos qualitativos para captar as experiências vividas pelos indivíduos, em particular as pessoas com deficiência e os idosos?

As limitações na utilização eficaz dos dados relativos à prevalência da deficiência e à capacidade funcional para o planeamento e a implementação de programas foram amplamente comunicadas.⁷ Embora as perguntas do Grupo de Washington possam identificar deficiências funcionais associadas a domínios-chave, não se destinam a captar a experiência subjectiva de ter uma deficiência ou de se auto-identificar como tal.¹³

Do mesmo modo, a compreensão das necessidades dos adultos mais velhos - e de como estas podem diferir das dos indivíduos mais jovens e das pessoas com deficiência - é mais eficazmente conseguida através das suas próprias vozes. As narrativas pessoais fornecem uma visão mais profunda das suas experiências e desafios únicos.

Na conceção do SIRA, o projeto Data that Matters aplicou princípios de conceção centrados no ser humano para caracterizar as necessidades de dados de diversas partes interessadas. As actividades de co-criação realizadas realçaram a importância das narrativas individuais na compreensão dos processos não lineares que afectam o acesso à assistência humanitária.

Abordagem de Design Centrado no ser Humano (HCD)

O design centrado no ser humano (HCD) é uma abordagem à resolução de problemas que coloca as pessoas, o seu contexto e a sua experiência no centro do processo. A metodologia HCD utiliza uma mentalidade empática, a escuta ativa e abordagens participativas para compreender profundamente as necessidades das pessoas. Quando aplicada através de uma lente de diversidade e inclusão, a HCD torna-se uma ferramenta poderosa para responder às diversas necessidades e desafios enfrentados por indivíduos com diferentes níveis de deficiência, física, mental e intelectual.

Como parte da conceção de uma ferramenta de avaliação rápida SIRA, foi realizada uma investigação de conceção centrada no ser humano com pessoas com deficiência e idosos que vivem em campos de deslocados internos em Cabo Delgado, Moçambique. Foi recolhida informação sobre as suas necessidades, barreiras, interesses, capacidades e as suas experiências enquanto viviam no campo e quando foram entrevistadas pelos colectores de dados. Os resultados e aprendizagens recolhidos foram utilizados como ponto de partida para gerar ideias e recomendações para o desenvolvimento da Ferramenta SIRA.

Ao aplicar o design centrado no ser humano, é necessário ter uma mentalidade aberta para se afastar de crenças e suposições preconcebidas e abrir espaço para percepções inesperadas. Compreender profundamente outra pessoa exige que nos coloquemos no lugar de outra pessoa e descubramos novas formas de ver. Para o fazer, deve considerar o seguinte:

- **Empatia:** ter uma mentalidade empática e curiosa permitir-lhe-á ver através dos olhos das pessoas para quem está a conceber e compreender a realidade a partir da sua perspetiva.
- **Ferramentas participativas:** as ferramentas participativas são úteis porque permitem que as pessoas assumam um papel ativo durante um processo de recolha de dados ou uma entrevista. Com as ferramentas participativas, os entrevistados podem aplicar formas criativas de explicar o seu ponto de vista, que são inovadoras, dando origem a resultados inesperados.
- **Escuta ativa:** quando abordar pessoas na sua investigação, pratique a escuta ativa para estar verdadeiramente aberto a ouvir sem interrupções ou suposições.
- **Fazer perguntas aprofundadas:** em caso de dúvida sobre o significado de certas respostas dadas pelas pessoas entrevistadas, dedicar algum tempo a aprofundar e perguntar porquê.
- **Validar as conclusões:** É essencial ter uma mente aberta e ir além das suposições e conclusões rápidas. Pode optar por validar as suas conclusões com mais pessoas que enfrentam desafios semelhantes.
- **Co-criação:** Uma estratégia bem sucedida é co-criar o seu questionário de recolha de dados com pessoas com deficiência e envolvê-las ativamente como enumeradores no processo e ao analisar e tirar conclusões. Estas pessoas estão mais bem equipadas para fornecer conselhos adequados para o desenvolvimento de um processo de recolha de dados inclusivo.

Como Utilizar a Ferramenta SIRA

O SIRA é uma ferramenta digital de recolha de dados que consiste em questionários individuais e domésticos destinados a identificar as barreiras e os factores que facilitam o acesso das pessoas com deficiência e dos idosos à assistência humanitária.

- O questionário do agregado familiar centra-se em informações demográficas, tais como as características do chefe do agregado familiar, a dimensão do agregado familiar e a situação de deslocação.
- O questionário individual abrange características sociodemográficas adicionais - incluindo o estado de saúde, o nível de educação e o rendimento - bem como as perguntas do grupo de Washington e as perguntas sobre os obstáculos e os factores que facilitam a experiência.

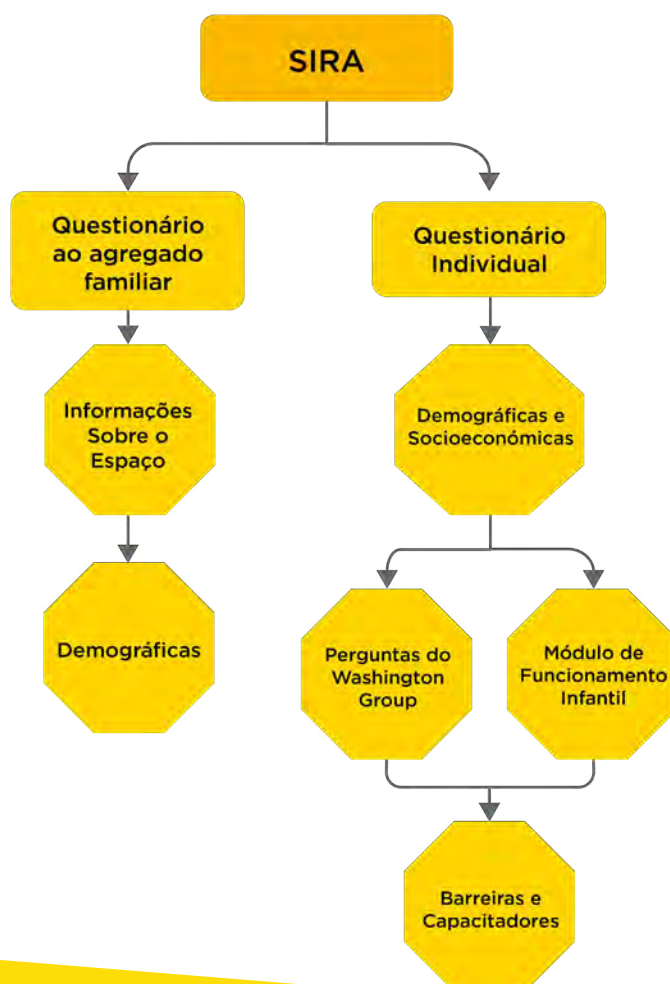
Embora o SIRA tenha sido inicialmente concebido para inquirir tanto pessoas com como sem deficiência em todos os grupos etários, também pode ser aplicado a grupos-alvo específicos, como por exemplo apenas idosos. Foi testado utilizando uma amostragem estratificada em duas fases, bem como durante discussões de grupos de discussão.

É importante salientar que a SIRA foi concebida com base numa estrutura modular, permitindo que a ferramenta seja adaptada ao contexto específico de um determinado programa humanitário. A SIRA precisa de refletir a lógica da intervenção ao avaliar as barreiras e os facilitadores. Por exemplo, na sua forma atual, a SIRA centra-se nas barreiras e nos factores que facilitam o acesso a:

- Todos os tipos de distribuição e serviços humanitários
- Diferentes oportunidades de subsistência
- Serviços de saúde sexual e reprodutiva
- Segurança pessoal

Estas áreas de enfoque são o resultado de investigação documental e de actividades de conceção centradas no ser humano realizadas em Cabo Delgado, Moçambique. No entanto, para um programa de WASH (Água, Saneamento e Higiene), por exemplo, as perguntas sobre distribuição, serviços e segurança devem ser específicas aos aspectos de WASH, enquanto que as perguntas adicionais sobre meios de subsistência e saúde sexual e reprodutiva podem ser omitidas.

A flexibilidade da SIRA tem como objetivo manter a ferramenta adaptável, assegurando que pode apoiar avaliações rápidas das necessidades, incluindo a deficiência e a idade avançada, em diversos contextos.



Formação de Inquiridores

Estratégias de Formação para os Inquiridores

Embora o SIRA não tenha sido especificamente concebido para ser implementado apenas por pessoas com deficiência e idosos, o objetivo do projeto Data That Matters era desenvolver uma ferramenta simples que também pudesse ser utilizada por organizações baseadas na comunidade - como Organizações de Pessoas com Deficiência (OPDs) e Associações de Pessoas Idosas (OPAs).

Para garantir uma utilização eficaz da ferramenta, utilizamos as seguintes estratégias de formação:

- 1. Apresentações interactivas:** Começar com uma ronda de apresentações para compreender os antecedentes dos enumeradores. Isto ajuda a identificar os indivíduos que podem apoiar os outros e serve como um quebra-gelo para criar coesão na equipa.
- 2. Formação de grupos diversificados:** Criar grupos que misturem jovens e idosos, pessoas com e sem deficiência, habitantes da área do inquérito e pessoas de fora, bem como um equilíbrio entre homens e mulheres. Esta diversidade promove o apoio entre pares, tornando a formação mais acessível através de experiências partilhadas na utilização de tecnologia, proficiência linguística e acomodações razoáveis.
- 3. Módulos de formação abrangentes:** Isto garante que os enumeradores estão bem familiarizados com os aspectos conceptuais e operacionais do inquérito e estão à vontade para fazer e registar perguntas qualitativas. Configuração e teste de ferramentas digitais: Isto assegura que os enumeradores estão bem familiarizados com os aspectos conceptuais e operacionais do inquérito e que se sentem à vontade para fazer e registar perguntas qualitativas.
- 4. Configuração e teste de ferramentas digitais:** Ajudar os enumeradores a configurar contas de correio eletrónico, a aceder ao software de recolha de dados e a utilizar tablets ou smartphones. Incluir formação sobre características de acessibilidade, tais como compatibilidade com leitores de ecrã e definições de alto contraste para acomodar várias necessidades.
- 5. Tradução e sensibilidade linguística:** Realizar traduções inversas e duplas do conteúdo do inquérito para as línguas locais. Este passo é crucial para evitar o estigma, garantir a sensibilidade cultural e manter a qualidade dos dados.
- 6. Dramatização e prática de cenários:** Envolver os enumeradores em exercícios de dramatização extensivos que simulem diversos cenários - incluindo desafios linguísticos, variações demográficas, diferentes tipos de deficiências e orientações geográficas - para os preparar para a recolha de dados no mundo real.
- 7. Testes no terreno:** Se possível, realize um teste de campo piloto antes do inquérito real para garantir que todos os aspectos estão a funcionar como planeado e para proporcionar aos enumeradores experiência prática.

Formação de Inquiridores

Estratégias para Superar os Desafios

1. **Identificar e capacitar os “Campeões”:** Reconhecer os indivíduos do grupo que demonstram uma forte compreensão e qualidades de liderança para actuarem como mentores de pares. Estes campeões podem orientar e ajudar os outros na utilização de ferramentas e metodologias.
2. **Comunicação adaptada:** Adaptar os materiais de formação e os métodos de comunicação aos diferentes grupos etários e níveis de ensino. Utilizar linguagem simples e recursos visuais para melhorar a compreensão.
3. **Formação prática em tecnologia:** Fornecer orientações passo a passo sobre a utilização de tablets e ferramentas digitais, desde as operações básicas até às funções mais avançadas. Dê tempo suficiente para a prática.
4. **Assistência na criação de correio eletrónico:** Facilitar a criação de contas de correio eletrónico para aqueles que não as têm, assegurando que todos têm igual acesso aos recursos digitais.
5. **Promover um ambiente inclusivo:** Incentivar a paciência, a empatia e o respeito mútuo entre os enumeradores para criar um ambiente de aprendizagem favorável.

Dicas e Truques para Enumeradores

- **Trabalhar em pares:** Sempre ande em pares, de preferência com trajes organizacionais, para garantir visibilidade e credibilidade. Isto ajuda os inquiridos a reconhecerem que está oficialmente a realizar um inquérito em nome de uma organização.
- **Levar documentos de autorização:** Tenha cópias de autorizações ou cartas de líderes comunitários indicando a aprovação para realizar o inquérito na área. Se possível, mantenha no seu telemóvel uma gravação de voz ou uma mensagem de vídeo dos líderes comunitários a expressar o seu apoio.
- **Respeitar a dinâmica do agregado familiar:** Pergunte aos membros do agregado familiar com quem preferem começar a entrevista. Assegure-se de que os inquiridos compreendem por que razão certas partes do inquérito, como as Perguntas do Grupo de Washington, têm de ser feitas a outros membros do agregado familiar.
- **Comunicar o valor do inquérito:** Explicar os benefícios do inquérito à comunidade, salientando como a compreensão da situação de uma amostra selecionada aleatoriamente pode levar a uma melhor assistência humanitária para todos.
- **Sensibilidade cultural:** Tenha em atenção os costumes, tradições e normas sociais locais. Aborde temas sensíveis com cuidado e utilize uma linguagem culturalmente adequada.
- **Manter-se seguro e atento:** Esteja atento ao que o rodeia e dê prioridade à segurança pessoal. Se uma área parecer insegura, não prossiga sem avaliar os riscos.
- **Manter a confidencialidade:** Assegurar aos inquiridos que as suas informações serão mantidas confidenciais e utilizadas apenas para fins de investigação, defesa e melhoria da programação humanitária.

Formação de Inquiridores

- **Comunicação eficaz e adaptação razoável:** Utilizar uma linguagem clara e simples. Se houver barreiras linguísticas, considere a possibilidade de trabalhar com um intérprete local ou com um contacto da comunidade. Isto é particularmente importante quando as pessoas com deficiência auditiva não falam uma linguagem gestual formal. Assegurar que é sempre possível efetuar adaptações razoáveis.
- **Preparação logística:** Certifique-se de que todo o equipamento está totalmente carregado e a funcionar antes de sair. Leve consigo os materiais necessários, como blocos de notas, canetas e pilhas de reserva.
- **Faça regularmente um relatório:** Após cada dia de recolha de dados, faça uma reunião com a sua equipa para discutir os desafios enfrentados e partilhar ideias. Isto pode ajudar a melhorar as estratégias para os dias seguintes.



Análise de Dados

O SIRA assegura a desagregação por sexo, idade e deficiência de todos os inquiridos. A sua conceção - orientada por princípios de conceção centrados no ser humano e por investigação exhaustiva - incorpora os domínios funcionais psicossociais do Grupo de Washington, que devem ser incluídos em todas as análises e na estimativa da prevalência da deficiência. Recomendamos a utilização de um limiar de corte de cinquenta anos para definir a idade avançada,²⁶ uma vez que se espera que os contextos humanitários e de emergência sejam difíceis.

A desagregação permite a comparação das características individuais e do agregado familiar das pessoas com deficiência e dos idosos com os perfis médios ou medianos dos dados e/ou outros grupos.

A análise dos resultados do SIRA centra-se nas barreiras e nos factores que facilitam o acesso dos indivíduos à ajuda humanitária. O SIRA apoia uma abordagem dupla, em que a avaliação das necessidades e do acesso pode servir de base a estratégias de integração da deficiência e dos idosos, bem como a abordagens direccionadas para a inclusão. Por exemplo, as metas para a integração da deficiência podem ser identificadas através da análise das barreiras e dos factores facilitadores comuns entre os inquiridos com e sem deficiência. Por outro lado, as barreiras e os factores de facilitação específicos das pessoas com deficiência destacam áreas prioritárias para intervenções específicas.

O SIRA é uma ferramenta de inquérito destinada tanto à recolha de dados em grande escala como a contextos mais pequenos, como discussões de grupos de discussão. Nos inquéritos em grande escala, podem ser recolhidos volumes significativos de informação narrativa e qualitativa. As ferramentas de inteligência artificial (IA) generativa podem ser utilizadas para a análise destes dados, desde que as ferramentas empregues salvaguardem os dados subjacentes.

Melhores Práticas Para Análise de Dados

A) Análise de Dados Quantitativos

- Calcular a prevalência utilizando as perguntas do grupo de Washington (WGQ)
- Avaliar as contribuições dos domínios funcionais: Analisar a contribuição relativa de cada domínio funcional - ou conjunto de WGQ - para a estimativa da prevalência global.
- Examinar os domínios funcionais relacionados com a idade: Investigar a forma como determinados domínios funcionais estão associados à idade, centrando-se em áreas como a dor, o bem-estar psicossocial e a mobilidade. Esta análise pode revelar tendências importantes.

Análise de Dados

B) Análise de Dados Qualitativos

- Alavancar modelos de IA para dados não estruturados: Utilizar modelos de IA de resposta a perguntas para analisar dados qualitativos não estruturados sobre os activadores recolhidos através do SIRA. Estes modelos podem processar de forma eficiente grandes volumes de texto, extraindo temas e ideias chave.
- Segmentar os dados utilizando a desagregação: Antes de analisar os dados qualitativos com ferramentas de IA, segmentar os dados com base em factores sociodemográficos como o sexo, a idade, o estatuto de incapacidade e o estatuto de deslocado. A desagregação dos dados garante que podemos investigar a forma como diferentes grupos enfrentam barreiras e facilitadores.

C) Ferramentas de Análise Interactivas

- Utilizar painéis de controlo interactivos: as ferramentas de análise interactiva são muito eficazes para explorar rapidamente os dados do SIRA. Permitem aos utilizadores segmentar e visualizar os dados com base em várias características sociodemográficas, como o sexo, a idade, a deficiência e a situação de deslocação. Estas ferramentas suportam a consulta dinâmica e a visualização em tempo real, tornando a exploração de dados mais intuitiva e acessível. Um exemplo de painel de controlo interativo utilizado para a análise dos resultados do SIRA pode ser encontrado no Painel de [Controlo do SIRA](#).

Sugestões Adicionais

- **Manter Padrões Éticos:** ao utilizar ferramentas de IA, garantir que a privacidade e a confidencialidade dos dados são mantidas. Utilizar plataformas seguras ou ferramentas de código aberto que cumpram os regulamentos de proteção de dados para salvaguardar informações sensíveis.
- **Capturar Conhecimentos Emergentes com os Envolvidos na Recolha de Dados:** envolver os membros da equipa e as partes interessadas ao longo do processo de análise. As suas ideias podem fornecer um contexto valioso e ajudar a interpretar os resultados de forma mais eficaz (ver capítulo 2, pp. 12-33).



4

Dados Para Fins de Sensibilização, Programação Humanitária e Referências

Dados Para a Advocacia

A defesa de uma ação humanitária inclusiva tem por objetivo garantir a igualdade de acesso de todos à proteção, à segurança e à assistência.

Artigo 11 da CDPD,²¹ declara que todas as medidas necessárias para garantir a proteção e a segurança das pessoas com deficiência em situações de risco, incluindo situações de conflito armado, emergências humanitárias e ocorrência de catástrofes naturais.

A sensibilização para uma ação humanitária inclusiva pode ter como alvo:

- Líderes comunitários
- Governo nacional da zona afetada
- Agências da ONU,
- ONGIs e ONGNs
- Doadores - incluindo governos

A advocacia consiste em influenciar a mudança de sistemas e pode ter como objetivo resultados a longo prazo. Os dados inclusivos não conduzem, por si só, a melhores resultados em termos de inclusão. Podem, no entanto, apoiar os esforços de sensibilização para apoiar estes resultados.

Um ecossistema de dados inclusivo pode apoiar a participação efectiva e significativa das populações afectadas na ação humanitária. O envolvimento de organizações representativas como as Organizações de Pessoas com Deficiência (OPD) e as Associações de Pessoas Idosas (OPA) pode facilitar esta participação. Idealmente, isto levaria a que estas organizações e outros actores locais se apropriassem totalmente do processo de produção de dados e liderassem os esforços de sensibilização baseados em provas.

Dados inclusivos para a defesa de interesses:



Governos nacionais, zonas afectadas



Agências da ONU, ONGIs, ONGNs



Doadores, incluindo governos

Dados para Advocacia - Governo Nacional do País Afetado Pela Crise

Aprendizados

- ♦ **Dados como provas para a advocacia:** os dados desempenham um papel crucial no fornecimento de provas para apoiar os esforços de advocacia.
- ♦ **A transparência e a qualidade aumentam a credibilidade:** a transparência, juntamente com dados e metodologias de alta qualidade, reforça a credibilidade das iniciativas de advocacia.
- ♦ **Sistemas de dados centralizados e seguros:** estabelecer uma base de dados local centralizada ou um sistema de nuvem com recolha de dados digitais seguros é importante para uma gestão de dados eficaz.
- ♦ **Aproveitamento das ligações governamentais:** sempre que possível, utilizar ligações fortes entre o sistema de agrupamento humanitário e as agências governamentais para reforçar o trabalho de sensibilização.
- ♦ **A reputação é importante:** a reputação da organização defensora tem um impacto significativo no êxito dos esforços de sensibilização.
- ♦ **Importância dos defensores locais:** envolver os defensores locais nos ministérios e agências relevantes é fundamental para fazer avançar os objectivos da advocacia.
- ♦ **Construir alianças:** encontrar aliados para apoiar o esforço de advocacia é essencial para amplificar o impacto.
- ♦ **Incentivar a ação do governo:** é importante pressionar o governo a abordar e agir sobre as barreiras identificadas.



Dados para Advocacia - Governo Nacional do País Afetado Pela Crise

Recomendações

- ♦ **Garantir a salvaguarda dos dados:** tornar totalmente anónimos todos os dados para evitar a reidentificação de indivíduos em áreas afectadas por crises, protegendo assim a sua privacidade e segurança.
- ♦ **Utilizar plataformas seguras de partilha de dados,** como a Humanitarian Data Exchange (HDX) do UN-OCHA, para partilhar e gerir dados de forma segura, apoiando os esforços de salvaguarda de dados.
- ♦ **Identificar os pontos de entrada para a sensibilização do governo:** encontrar vias eficazes para interagir com o governo para a sensibilização, aumentando o impacto das suas iniciativas.
- ♦ **Desenvolver um plano de ação para os dados com a adesão do governo:** criar um plano de ação abrangente para a gestão de dados e garantir que tem o apoio do governo para facilitar uma implementação bem sucedida.
- ♦ **Promover a apropriação das iniciativas de dados pelo governo** para reforçar o empenhamento e garantir a sustentabilidade a longo prazo.
- ♦ **Ter como objetivo o envolvimento do governo ao mais alto nível:** procurar obter a adesão de altos funcionários do governo para permitir um efeito de gota a gota de apoio a todos os níveis do governo.
- ♦ **Rever e melhorar as práticas de recolha de dados:** realizar revisões exaustivas dos métodos de recolha de dados. Ao avaliar o papel da sociedade civil na recolha de dados, oferecer ferramentas, dados e guias passo a passo para apoiar o seu envolvimento.



Dados Para a Advocacia Junto das Agências das Nações Unidas, das ONGIs e das ONGN

Aprendizados

- ♦ **Envolver os campeões locais:** Envolver os campeões locais dentro das organizações relevantes é crucial para uma advocacia eficaz.
- ♦ **Encontre aliados:** Identificar e colaborar com aliados fortalece os esforços de advocacia. Alavancar as ONGIs para a análise de dados: As Organizações Não-Governamentais Internacionais (ONGIs) podem apoiar a análise de dados e ajudar na elaboração de respostas e pontos de ação.
- ♦ **Alavancar o Grupo de Proteção:** O Grupo de Proteção funciona como uma plataforma chave para a partilha de provas, resultados e mensagens de sensibilização.
- ♦ **Criar grupos de trabalho sobre deficiência:** Trabalhar com ou criar um grupo de trabalho sobre deficiência no âmbito do Grupo de Proteção é um mecanismo eficaz de sensibilização.
- ♦ **Concentrar-se na Programação Humanitária e na Mobilização de Recursos:** A sensibilização a este nível centra-se na programação humanitária - como a prestação de serviços - e na mobilização de recursos, incluindo o financiamento.
- ♦ **Utilizar dados sobre a prevalência da deficiência:** Os dados sobre a prevalência da deficiência, juntamente com as metodologias utilizadas para os recolher, são importantes para a transmissão de mensagens de sensibilização às agências da ONU e às ONG.
- ♦ **Avaliar e partilhar dados sobre a deficiência psicossocial:** Os dados sobre a deficiência psicossocial (saúde mental) são cruciais e devem ser avaliados e partilhados para fins de sensibilização.
- ♦ **Sensibilizar para as deficiências psicossociais:** É necessário aumentar a sensibilização para o papel integral das deficiências psicossociais entre os tipos de deficiência, o que exige uma ação baseada nos princípios humanitários e na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD).²¹



Dados Para a Sensibilização das Agências das Nações Unidas, das ONGIs e das ONGN

Recomendações

- ◆ **Capacitar as organizações locais:** colocar organizações representativas - tais como OPDs e OPAs - em papéis de liderança para a recolha de dados e mecanismos de coordenação.
- ◆ **Utilizar os domínios funcionais psicossociais** ao utilizar as perguntas do Grupo de Washington e ao estimar a prevalência da deficiência.
- ◆ **Identificar e partilhar os resultados sobre as barreiras e os capacitadores** que as pessoas com deficiência e os idosos enfrentam no acesso à assistência humanitária.
- ◆ **Aproveitar as oportunidades de sensibilização:** utilizar documentos-chave como a análise das necessidades humanitárias e o plano de resposta humanitária para reforçar os esforços de sensibilização.
- ◆ **Desenvolver um plano de ação de dados:** criar um plano de ação abrangente para a gestão de dados, incluindo estratégias de partilha de dados e comunicação de resultados.
- ◆ **Utilizar normas e plataformas de dados abertos**, como o Humanitarian Data Exchange (HDX) do UN-OCHA, para promover a colaboração e garantir a partilha segura de dados.
- ◆ **Garantir a proteção dos dados:** tornar os dados totalmente anónimos para evitar a reidentificação de indivíduos em zonas afectadas por crises.



Dados Para a Advocacia Para os Doadores - Incluindo os Governos

Aprendizados

- ♦ **Envolver os campeões locais:** envolver os campeões locais nas organizações relevantes é crucial para o êxito dos esforços de sensibilização.
- ♦ **Encontrar aliados:** identificar e colaborar com aliados reforça e apoia as iniciativas de sensibilização.
- ♦ **Utilizar plataformas e fóruns relevantes:** a utilização de plataformas e fóruns adequados aumenta a eficácia dos esforços de sensibilização.
- ♦ **Reconhecer os objectivos a curto e a longo prazo:** a advocacia deve abordar tanto os objectivos imediatos como os futuros.
 - Objectivos a longo prazo: visar mudanças normativas nas políticas e nos quadros de financiamento.
 - Objectivos a curto prazo: centrar-se na obtenção de financiamento para satisfazer as necessidades imediatas identificadas em situações de crise.
- ♦ **Advocacia a vários níveis:** o envolvimento na advocacia a nível internacional/multilateral, nacional/agência e local/representação pode aumentar o impacto global.
- ♦ **Utilizar os principais documentos de apoio:** as avaliações de crise e os planos de resposta humanitária são essenciais para defender os doadores através do sistema da ONU.



Dados Para a Advocacia Para os Doadores - Incluindo os Governos

Recommendations

- ♦ **Estabelecer parcerias com organizações representativas para obter informações valiosas:** obter conhecimentos em primeira mão sobre os desafios específicos enfrentados pelos grupos-alvo - como as pessoas com deficiência e os idosos. Esta parceria amplifica o impacto ao assegurar que as populações afectadas não são apenas beneficiárias, mas também agentes activos da resposta humanitária.
- ♦ **Responsabilizar os doadores com base em dados e obrigações legais:** utilizar dados e provas para responsabilizar os doadores com base nas obrigações legais descritas na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD), especificamente os artigos 11 (situações humanitárias), 31 (estatísticas e recolha de dados) e 32 (cooperação internacional).
- ♦ **Institucionalizar a recolha de dados nos requisitos de financiamento:** defender a inclusão de mandatos de recolha e desagregação de dados nos requisitos de financiamento para garantir que as organizações recolhem sistematicamente dados sobre a deficiência e a idade avançada.
- ♦ **Envolver os representantes dos doadores no país:** contactar os representantes dos doadores no país para defender indiretamente as agências das Nações Unidas e os governos nacionais nas áreas afectadas pela crise.
- ♦ **Utilizar avaliações de crises e planos de resposta:** utilizar avaliações de crises e planos de resposta humanitária que incluam dados relevantes sobre a deficiência e os idosos como ferramentas nos esforços de sensibilização dirigidos aos doadores.



Dados Para uma Programação Humanitária Inclusiva

Os dados desempenham um papel crucial em todas as etapas do Ciclo do Programa Humanitário, fornecendo provas que informam a tomada de decisões. As fontes destes dados são variadas e dependentes do contexto, abrangendo tanto dados primários recolhidos em primeira mão como dados secundários provenientes de fontes existentes.

Para alcançar a plena inclusividade, de acordo com as Diretrizes do IASC sobre a inclusão de pessoas com deficiência, a ação humanitária deve:²³

- Desagregar os dados por deficiência
- Identificar e eliminar as barreiras ao acesso
- Assegurar uma participação significativa das pessoas com deficiência
- Reforçar a capacidade das pessoas com deficiência

O SIRA apoia estas quatro acções essenciais. O SIRA é uma ferramenta de recolha de dados primários que pode ser utilizada durante todo o ciclo de vida do programa. Avalia as barreiras e os facilitadores que os indivíduos enfrentam no acesso à assistência humanitária, concentrando-se particularmente nas pessoas com deficiência e nos idosos. Para permanecerem relevantes na programação humanitária, as perguntas sobre barreiras têm de ser adaptadas para refletir a estratégia de implementação específica - por exemplo, adaptando-as a sectores como Água, Saneamento e Higiene (WASH). Uma vez que as barreiras e os facilitadores podem mudar ao longo do ciclo do programa, o SIRA pode ser utilizado várias vezes durante a implementação. Por exemplo, os dados anteriores à catástrofe podem não captar toda a extensão das necessidades específicas das pessoas com deficiência após uma emergência.²⁷

Como ferramenta de avaliação rápida, o SIRA é adequado para implementação durante a maioria das fases do ciclo de resposta a crises. A exceção notável é no início de uma crise, devido ao foco parcial do SIRA no mapeamento de serviços para encaminhamento e participação significativa de pessoas com deficiência.

Ciclo de Programação Humanitária



Dados Para uma Programação Humanitária Inclusiva

Abordagem de Via-Dupla

Para conseguir uma ação humanitária inclusiva, os esforços devem centrar-se numa abordagem dupla que combine programas de integração inclusiva com intervenções específicas destinadas a incluir as pessoas com deficiência e os idosos.^{23 25}

O SIRA apoia tanto a integração da deficiência como as intervenções direcionadas. O SIRA avalia as barreiras e os factores que facilitam o acesso das pessoas à assistência humanitária. Esta avaliação apoia as intervenções do programa e os esforços de integração da deficiência.

A integração da deficiência nos programas garante que a assistência humanitária - incluindo distribuições, serviços e processos - seja acessível a todos, incluindo as pessoas com deficiência. A aplicação dos princípios do desenho universal é uma forma de o conseguir.

Ao desagregar os dados por sexo, idade e deficiência, o SIRA avalia as barreiras específicas e os factores que facilitam as pessoas com deficiência e os idosos. Ao identificar estas barreiras e facilitadores específicos, o SIRA facilita intervenções direcionadas e baseadas em provas. Estas intervenções específicas têm como objetivo eliminar as barreiras identificadas e as soluções podem, em última análise, beneficiar todos.

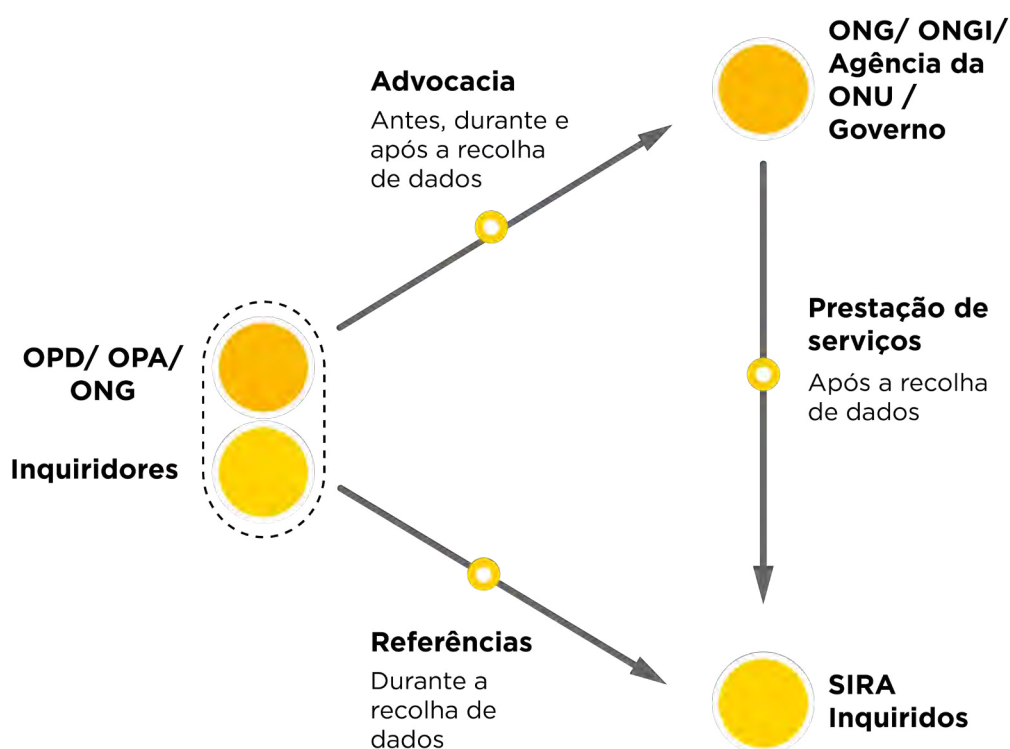


Dados Para Referências

Prestar assistência a pessoas necessitadas é uma obrigação. Quando uma organização ou indivíduo não pode oferecer ajuda específica, o encaminhamento para outras organizações pode cumprir essa responsabilidade. A recolha de dados apresenta uma oportunidade fundamental para fornecer essas referências aos inquiridos, assegurando que o processo não é apenas extrativo, mas também proporciona benefícios imediatos.

Ao mapear os serviços e organizações existentes na área do inquérito antes da recolha de dados, o SIRA facilita o fornecimento de referências aos indivíduos no final de cada entrevista. As perguntas do SIRA sobre barreiras e facilitadores, juntamente com a desagregação por sexo, idade avançada e deficiência, garantem que os encaminhamentos específicos podem ser adaptados a cada inquirido. A lista de serviços disponíveis e de prestadores de serviços na área-alvo pode ser obtida previamente junto dos responsáveis pelos grupos humanitários.

O fornecimento de referências ajuda a equilibrar a natureza extractiva da recolha de dados, oferecendo benefícios tangíveis aos inquiridos. Esta prática também reforça a base ética da recolha de dados, assegurando que os participantes obtêm um resultado benéfico do seu envolvimento. As referências podem ser dirigidas a serviços e organizações específicos que adoptam uma abordagem inclusiva da deficiência. Informar estas organizações de que as pessoas com deficiência estão a ser encaminhadas para elas facilita uma melhor assistência e apoio. Esta comunicação abre oportunidades para a realização de acções de formação e de reforço das capacidades da organização, bem como para a sensibilização, a fim de tornar os seus serviços mais acessíveis às pessoas com deficiência.



Dados Para Referências

As Organizações de Pessoas com Deficiência (OPD), as Associações de Pessoas Idosas (OPA), as organizações locais e as ONG especializadas podem desempenhar um papel consultivo na promoção da inclusão das pessoas com deficiência e dos idosos. Podem oferecer formação sobre inclusão às organizações que recebem encaminhamentos ou participar em actividades de sensibilização para melhorar a acessibilidade.

Os serviços humanitários são mapeados pela unidade de coordenação ou pelo líder do agrupamento através de um processo sistemático de recolha e consolidação de informações de todas as organizações participantes. Reúnem dados sobre quem está a prestar serviços, que actividades estão a realizar, onde esses serviços estão localizados e a quem se destinam (muitas vezes referidos como os “4Ws”). Esta informação é compilada em matrizes ou mapas de mapeamento de serviços, que são regularmente actualizados e partilhados entre as partes interessadas. Estes mapas e matrizes devem ser utilizados para planear os encaminhamentos.



Referências e Notas

Referências

1. Crock, M., Smith-Khan, L., McCallum, R. and Saul, B., 2017. The legal protection of refugees with disabilities: Forgotten and invisible?. Edward Elgar Publishing.
2. Mazurana, D., Benelli, P. and Walker, P., 2013. How sex and age disaggregated data and gender and generational analyses can improve humanitarian response. *Disasters*, 37, pp.S68-S82.
3. Hachem, S., Ali, S., Al-Omari, S., Abi Chahine, M., Fahme, S.A. and Mehio Sibai, A., 2022. “Older people tend to be invisible”: a qualitative study exploring the needs and inclusion of older Syrian refugees in the context of compounding crises in host country, Lebanon. *Conflict and Health*, 16(1), p.61.
4. Robinson, A, Marella, M, Logam, L (2020) ‘Gap Analysis: the Inclusion of People with Disability and Older People in Humanitarian Response’. Elrha: London. Available: (https://www.elrha.org/wp-content/uploads/2020/07/Elrha-HIF_Gap-Analysis_Inclusion-of-people-with-disability-and-older-people_Literature-Review2020-A.pdf) [Acessado 05 November 2024].
5. Duault, L.A., Brown, L. and Fried, L., 2018. The elderly: an invisible population in humanitarian aid. *The Lancet Public Health*, 3(1), p.e14.
6. United Nations Children’s Fund, ‘Producing Disability Inclusive Data: Why it matters and what it takes’, UNICEF, New York, 2020. Available: (<https://data.unicef.org/resources/producing-disability-inclusive-data-why-it-matters-and-what-it-takes/>) [Acessado 05 November 2024]
7. Robinson, A., Nguyen, L. and Smith, F., 2021. Use of the Washington Group Questions in non-government programming. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(21), p.11143.
8. Mactaggart, I., Hasan Bek, A., Banks, L.M., Bright, T., Dionicio, C., Hameed, S., Neupane, S., Murthy, G.V.S., Orucu, A., Oye, J. and Naber, J., 2021. Interrogating and reflecting on disability prevalence data collected using the Washington Group tools: results from population-based surveys in Cameroon, Guatemala, India, Maldives, Nepal, Turkey and Vanuatu. *International journal of environmental research and public health*, 18(17), p.9213.
9. Karunakara, U., 2015. Neglect of older people in humanitarian response. *Anthropology & Aging*, 36(1), pp.1-10.
10. Kaga, M. and Nakache, D., 2019. Whose needs count in situations of forced displacement? Revaluing older people and addressing their exclusion from research and humanitarian programmes. *International Journal of Migration and Border Studies*, 5(1-2), pp.134-151.
11. Burns, N., 2019. Boundary maintenance: Exploring the intersections of disability and migration. In *Routledge Handbook of Disability Studies* (pp. 305-320). Routledge.
12. United Nations Children’s Fund, 2006, Multiple Indicator Cluster Survey Manual, UNICEF, New York. Available: ([Multiple_Indicator_Cluster_Survey_Manual_2005.pdf](#) /) [Acessado 05 November 2024]
13. Baart, J., Elbers, W. and Schippers, A., 2023. Who is disabled? On whether the functional definition of disability targets the same individuals as the subjective definition. *Frontiers in Sustainability*, 4, p.1163128.
14. O’Reilly, C.F. and Jagoe, C., 2024. Disaggregation of humanitarian data by disability: a realist evaluation of the use of the Washington Group Questions to support more inclusive practices. *Journal of International Humanitarian Action*, 9(1), p.6.
15. Dubois, J.L. and Trani, J.F., 2009. Enlarging the capability paradigm to address the complexity of disability. *ALTER-European Journal of Disability Research*, 3(3), pp.2-28.
16. Inter-Agency Standing Committee, 2016. The Grand Bargain, A shared Commitment to Better Serve People in Need, Available: (<https://interagencystandingcommittee.org/grand-bargain/grand-bargain-shared-commitment-better-serve-people-need-2016>) [Acessado 07 November 2024]
17. Rohwerder, B., 2018. Disability stigma in developing countries. K4D Helpdesk Report, 26. Available: (<https://>

Referências e Notas

- assets.publishing.service.gov.uk/media/5b18fe3240f0b634aec30791/Disability_stigma_in_developing_countries.pdf) [Acessado 05 November 2024]
18. International Organization for Migration, 2020. DTM Field Companion for Disability Inclusion. IOM, Geneva. Available: <https://dtm.iom.int/sites/g/files/tmzbdl1461/files/tools/DTM%20Field%20Companion%20for%20Disability%20Inclusion.pdf> [Acessado 05 November 2024]
 19. United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs, 2020. Statistical Disclosure Control on HDX, Available: <https://humanitarian.atlassian.net/wiki/spaces/HDXKB/pages/1381498881/Statistical+Disclosure+Control+on+HDX> [Acessado 05 November 2024]
 20. Templ, M., Kowarik, A. and Meindl, B., 2015. Statistical disclosure control for micro-data using the R package sdcMicro. Journal of Statistical Software, 67, pp.1-36.
 21. United Nations, 2006. Convention on the Rights of Persons with Disabilities. Available: <https://social.desa.un.org/issues/disability/crpd/convention-on-the-rights-of-persons-with-disabilities-articles> [Acessado 05 November 2024]
 22. World Health Organization, 2001. International Classification of Functioning, Disability, and Health, Available: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/42407/9241545429.pdf?sequence=1> [Acessado: 11 November 2024]
 23. Inter-Agency Standing Committee, 2019. Guidelines on the Inclusion of persons with disabilities in humanitarian action, Available: <https://interagencystandingcommittee.org/iasc-guidelines-on-inclusion-of-persons-with-disabilities-in-humanitarian-action-2019> [Acessado: 11 November 2024]
 24. Department for International Development, Government of the United Kingdom, 2019. DFID's guide to disaggregating programme data by disability, Available: https://assets.publishing.service.gov.uk/media/5a7ffe7240f0b62302690df9/DFID_s_guide_to_disaggregating_programme_data_by_disability.pdf [Acessado: 11 November 2024]
 25. CBM, HelpAge, Humanity and Inclusion, 2018. Humanitarian Inclusion standards for older people and people with disabilities. Available: (Humanitarian inclusion standards for older people and people with disabilities). [Acessado: 7 November 2024]
 26. HelpAge, 2012. Older people in Emergencies, Identifying and Reducing Risks. Available: <https://www.helpage.org/silo/files/older-people-in-emergencies-identifying-and-reducing-risks.pdf>. [Acessado em: 5 November 2024]
 27. Springer, J. and Casey-Lockyer, M., 2016. Evolution of a Nursing Model for Identifying Client Needs in a Disaster Shelter: A Case Study with the American Red Cross. The Nursing Clinics of North America, 51(4), pp.647-662.

Notas

- i. FAMOD: Fórum das Associações Moçambicanas das Pessoas com Deficiência.
- ii. O painel de controlo interativo pode ser consultado em n-merlaint.shinyapps.io/Analysis_Dashboard/
- iii. Controlo Estatístico da Divulgação (CDE): um conjunto de técnicas e métodos utilizados para proteger a confidencialidade de indivíduos ou entidades em microdados e dados agregados antes de serem partilhados ou publicados. O objetivo do Control Estatístico de Divulgacao é impedir a identificação de indivíduos ou unidades específicas num conjunto de dados, reduzindo o risco de violação da privacidade e permitindo, ao mesmo tempo, a divulgação de dados valiosos para investigação e análise.
- iv. O repositório do projeto “Data that Matters” pode ser consultado em <https://github.com/nadir-AS/DTM>.
- v. Diretrizes do IASC sobre a inclusão de pessoas com deficiência na ação humanitária (2019).

Quer Saber Mais?

Informações de Contacto

Light for the World International

Endereço: Niederhofstraße 26, 1120 Viena, Austria

Telefone: +43 1 810 13 00

Email: info@light-for-the-world.org

Web: www.light-for-the-world.org

Informações de Publicação

Editores: Light for the World International (Número de registo 315688676)

Autores: Nadir Abusamra Spencer, Jacqueline Bungart, Clodoaldo Castiano, Thais Costa, Klaus Minihuber, Janete Matias, Noé Tembe

Editores: Nadir Abusamra Spencer, Thais Costa, Klaus Minihuber

Fotos: Light for the World/FAMOD

Design Gráfico: Thais Costa

Todos os dados são de Novembro de 2024.



The Data That Matters project and this publication are funded by:

